

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

Tamara Biasi Donadel

**MUNDO ACELERADO, CRIANÇAS ACELERADAS: SEM TEMPO DE
BRINCAR E SE-MOVIMENTAR**

**Santa Maria, RS, Brasil
2017**

Tamara Biasi Donadel

**MUNDO ACELERADO, CRIANÇAS ACELERADAS: SEM TEMPO DE
BRINCAR E SE-MOVIMENTAR**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Área de Concentração Educação Física, Saúde e Sociedade, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação Física.**

Orientador: Prof. Dr. Elenor kunz

Santa Maria, RS
2017

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).^o

Donadel, Tamara Biasi

Mundo acelerado, crianças aceleradas: Sem tempo de Brincar e Se-Movimentar / Tamara Biasi Donadel.- 2017.
84 p.; 30 cm

Orientador: Elenor Kunz

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação Física e desportos, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, RS, 2017

1. Criança. Tempo acelerado. Produtividade. "Brincar e Se-movimentar". I. Kunz, Elenor II. Título.

© 2017

Todos os direitos reservados a Tamara Biasi Donadel. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte.

Email: tamaradonadel@yahoo.com.br

Tamara Biasi Donadel

MUNDO ACELERADO, CRIANÇAS ACELERADAS: SEM TEMPO DE BRINCAR E SE-MOVIMENTAR

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Área de Concentração Educação Física, Saúde e Sociedade, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação Física.**

Aprovado em 16 de Fevereiro de 2017:

Prof. Dr. Elenor Kunz

(Presidente/Orientador)

Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Paulo Carlan

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ)

Prof. Dr. Rosalvo Sawitzki

Universidade Federal de Santa Maria

Santa Maria, RS

2017

AGRADECIMENTOS

Há quem diga que fazer mestrado e se tornar mestre é apenas mais uma titulação, ou ainda, uma etapa banal a ser concluída para logo decolar em voos maiores. Mas para mim era um sonho, um desejo de certo modo improvável, mas eu me dediquei, me esforcei, batalhei, lutei contra o julgamento de muitos colegas que diziam que eu não conseguiria e até mesmo do meu próprio julgamento de que não era capaz, eu estudei e eu consegui, o dia mais feliz da minha vida.

No entanto, jamais conseguiria algum êxito sem as pessoas que se fazem presente ao meu lado todos os dias, digo jamais, porque foram eles que acreditaram em mim quando eu não acreditava, que me mostraram o caminho quando eu não conseguia ver a direção, que me incentivaram a cada desânimo, que me deram força quando pensava em desistir.

Obrigada Pai, meu anjo da guarda, que independente de onde estiver segurar a minha mão, me guiar e iluminar os meus passos.

Obrigada Mãe, por ser a melhor Pãe do mundo, obrigada por ter lutado e batalhado por e para nós, se hoje eu faço algo é para te encher de orgulho, é para ti, se hoje eu sou alguém é graças a ti.

Obrigada Mana (Taigra), minha segunda mãe, obrigada por brincar comigo, por me ensinar, pelas brigas haha, por todo apoio emocional e financeiro, obrigada por acreditar em mim.

Obrigada Amor (Leonardo), por me incentivar, me aguentar em cada crise, por escutar todas as minhas reclamações, por me apoiar, obrigada.

Obrigada Nan (Renan), por ser meu grande incentivador, por me ajudar em tudo que eu precisei até aqui, pelo apoio financeiro, obrigada por me ajudar nos artigos e principalmente na dissertação, dando coerência aos meus textos sem muito nexos e adivinhando o que eu queria realmente escrever, pelas longas horas quebrando a cabeça comigo na formatação e na correção, obrigada por tudo.

Obrigada Duda (Eduarda), por desde o início compartilhar comigo os momentos de desespero, ansiosos, e infinitas dúvidas, pelas intermináveis conversas onde orientávamos uma a outra e por me ensinar a falar inglês, hahahahaha. Agradeço por ter tido o privilégio de te conhecer e conviver com uma pessoa divertida, inteligente, “tonga” hahah e extremamente apaixonada pela profissão que escolheu.

Obrigada Cícera e Laís, por terem aguentado meus incômodos com minhas inúmeras dúvidas, pelos conselhos e orientações, obrigada por toda a ajuda.

Obrigada Kunz, mestre cervejeiro, pela paciência, pelas orientações, por dividir conosco sua sabedoria, por nos ensinar um pouquinho sobre o real sentido do “Brincar e Se-Movimentar”.

E por fim, obrigada a coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação Física especialmente ao Laércio, por toda sua atenção, paciência e empenho em sempre nos ajudar, um exemplo de profissional a ser seguido.

Obrigada a todos que estiveram presente nessa empreitada, que não foi fácil, mas que foi desafiadora e gratificante.

Cada conquista por mais simples que seja é meu orgulho!

*“Não é sobre ter todas as pessoas do mundo pra si
É sobre saber que em algum lugar alguém zela por ti
É sobre cantar e poder escutar mais do que a própria voz
É sobre dançar na chuva de vida que cai sobre nós
É saber se sentir infinito num universo tão vasto e bonito é saber sonhar
E então, fazer valer a pena cada verso daquele poema sobre acreditar
Não é sobre chegar ao topo do mundo e saber que venceu
É sobre escalar e sentir que o caminho te fortaleceu
É sobre ser abrigo e também ter morada em outros corações
E assim ter amigos contigo em todas as situações
A gente não pode ter tudo, qual seria a graça do mundo se fosse assim?
Por isso, eu prefiro sorrisos e os presentes que a vida trouxe pra perto de mim
Não é sobre tudo que o seu dinheiro é capaz de comprar
E sim sobre cada momento sorrindo a se compartilhar
Também não é sobre correr contra o tempo pra ter sempre mais
Porque quando menos se espera a vida já ficou pra trás
Segura teu filho no colo, sorria e abraça teus pais enquanto estão aqui
Que a vida é trem-bala, parceiro e a gente é só passageiro prestes a partir”*

(Ana Vilela)

RESUMO

MUNDO ACELERADO, CRIANÇAS ACELERADAS: SEM TEMPO DE BRINCAR E SE-MOVIMENTAR

AUTORA: Tamara Biasi Donadel
ORIENTADOR: Prof. Dr. Elenor Kunz

No decorrer da história da humanidade a criança assumiu as mais diversas concepções, ficando a mercê dos julgamentos impostos pelo contexto histórico e socioeconômico no qual estava imersa. Até o século XVII não existia uma definição específica para a criança, e nada os diferenciava dos adultos. Durante a Revolução Industrial, novos paradigmas sociais e econômicos surgiram, um mundo cada vez mais acelerado, focado em eficiência e produtividade. Durante esse período a criança era vista como uma força de trabalho barata, não existia nenhuma preocupação quanto ao seu desenvolvimento, pois era percebida como um adulto em miniatura. Durante o século XVIII, influenciada pelo catolicismo cristão e pela educação escolar a sociedade passa a observar a criança como um ser especial e a distinção em relação ao adulto desponta, marcando o início da percepção moderna da criança, que culminou no surgimento de mecanismos legais que buscaram garantir à criança a possibilidade de vivenciar sua infância. No entanto, apesar das mudanças dos paradigmas da infância, a sociedade atual ainda está imersa nos preceitos socioeconômicos da produtividade, que está diretamente ligada ao máximo aproveitamento do tempo. Por essa razão a criança tem sua infância comprometida novamente, pois os pais, na intenção de preparar seus filhos para o mundo, acabam preenchendo cada vez mais o tempo das crianças com atividades voltadas à produtividade, sem perceber que estão tomando o seu tempo de ser criança, de brincar, de conhecer o mundo de forma natural e ao seu tempo. Este estudo de características teóricas tem por objetivo propor uma reflexão a cerca da percepção acelerada do tempo, da produtividade e padronização social, desafios impostos ao mundo do adulto e que, conseqüentemente, interferem no mundo da criança. A palavra criança remete a ação do brincar, considerado natural do ser humano e a principal possibilidade de comunicação na infância, por meio dele a criança é capaz de compreender, se apropriar e interagir com o mundo que a rodeia, contudo, devido aos novos modos de vida assumidos na atual sociedade, a busca incessante por resultados se sobrepõe muitas vezes a vivência desta fase, onde o brincar livre e espontâneo está sendo “sufocado” por afazeres estritamente utilitaristas, frente a isto o sentido atribuído à criança se restringe a seres manipuláveis e aprendizes, guiando-as para o futuro, abdicando a vivência do presente.

Palavras-Chave: Criança. Tempo acelerado. Produtividade. “Brincar e Se-movimentar”.

ABSTRACT

ACCELERATED WORLD, ACCELERATED CHILDREN: TIME TO PLAY AND TO SELF-MOVIN

AUTHOR: Tamara Biasi Donadel

ADVISOR: Elenor Kunz

Throughout the history of humanity the child has assumed many conceptions, influenced by the context in which it was immersed. Until seventeen century, there was no conception for child, só, there was nothing to distinguish an adult from a child. During Industrial Revolution new socials and economics paradigms have emerged, on a accelerated world, focusing in efficiency and productivity. At that time, the child was perceived as a cheap labor force, there was no concern about the development of the child, who was seen as a small adult. During the eighteenth century, influenced by Christian Catholicism, the child came to be perceived as a special being, marking the beginning of the child's modern perception, which culminated in the emergence of legal mechanisms in order to guarantee the child the possibility of experiencing its childhood. However, despite the changes of childhood paradigms, society is still immersed in the socioeconomic precepts of production, which is directly linked to the maximum use of time. For this reason the child has its childhood threatened again, the parents, in the intention of preparing their children for the world, end up filling more and more the time of the children with activities directed to the productivity, and they not even know that they're taking off from the child their time to be a child, to play, to know the world naturally and at his time. This theoretical study aims to propose a reflection about the accelerated perception of time, productivity and social standardization, challenges imposed on the adult world that, consequently, interfere in the child world. The word "child" refers to the action of playing, considered something natural of the human being and the main possibility of communication in childhood, Through the playing the child is capable to understand, to appropriate and interact with the world that surrounds it. However, due to the new ways of life assumed in the present society the incessant search for results often overlaps the experience of this phase, where the free and spontaneous playing is being "suffocated" by strictly utilitaristic pursuits, therefore, the child is perceived as a manipulable being, who must be guided to a successful future, abdicating its experience of the present.

Keywords: Child. Accelerated time. Productivity. Play and self-movin.

SUMÁRIO

1. PASSOS INICIAIS	10
2. CONCEPÇÕES DA CRIANÇA EM SOCIEDADE	17
2.1. História da criança	17
2.2. Legislação da criança	25
2.3. Novas leis e o seu não cumprimento: Começo da aceleração	27
2.4. A criança de hoje	32
2.5. A velocidade da vida moderna	37
3. SOBRE COMO TOLHEMOS O TEMPO DE SER CRIANÇA.....	48
3.1. Desenvolvimento da criança na perspectiva da aceleração	48
3.2. Ao futuro e além: Interposição do adulto no tempo de ser criança.....	52
3.3. O apressamento do tempo de ser criança: A cultura de competição adulta e a pressão pela produtividade.....	53
4. UMA POSSIBILIDADE DE VIVÊNCIA DO TEMPO PRESENTE	60
4.1. A criança no seu devido lugar: Brincar e Se-movimentar	60
4.2. Movimento devagar: O emprego do tempo sem pressa (carl honoré).....	67
5. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	71
6. REFERÊNCIAS	80

I 1PASSOS INICIAIS

O tempo de ser criança se configura de tal importância que as emoções vividas sejam elas boas ou ruins, carências, frustrações ou alegrias ficam registrados em nossa memória. Dessa forma, em relação ao brincar, uma infância bem experienciada nos marca tanto que nunca nos esquecemos das nossas melhores brincadeiras. Para a criança que brinca, tudo vira fantasia, faz-de-conta e grandes descobertas, não importa com que brinca, como, onde ou com quem, há sempre o poder da imaginação, que é capaz de dar vida a qualquer coisa.

Saudade é a palavra certa para expressar meus sentimentos quando lembro-me das tantas brincadeiras de quando era criança. Cresci em um sítio no interior do município de Jaguari-RS, com um vasto espaço livre, gramado, animais, rios, lagoas e um arvoredo frutífero de “encher os olhos”, cenário que enquanto criança, e até mesmo depois de adulta, se configura e descrevo como perfeito. Nesse local onde passei a infância, a paz paira sobre o olhar quando esse encontra o horizonte, sem interferência de qualquer preocupação cotidiana de uma vida adulta, e essa tranquilidade instiga a sonhar, torna possível a libertação da imaginação, permitindo criar fantasias e brincadeiras que pareciam fazer o tempo parar.

Um lugar propício a criatividade e grandes invenções, onde era possível contar com o infinito leque de opções que a natureza nos oferecia. Posso lembrar que foram poucas as vezes que a brincadeira se desenvolvia sem o envolvimento de elementos que poderiam ser encontrados na natureza, não eram somente objetos em específico oferecido por ela, eram os lugares, que para certas brincadeiras se tornavam imprescindíveis.

Bom, são tantas, mas façamos então, um resgate de algumas brincadeiras memoráveis do meu tempo de criança. Nem sei por onde começar, talvez pelas brincadeiras de casinha? Sim, foram as melhores! Nossa propriedade possuía dois “matinhos” fechados como chamávamos, ou então, arvoredo, onde cada primo escolhia uma árvore para ser sua casa, e ali a magia acontecia, nossa imaginação imperava, e nossas tias... ah nossas tias... eram as cozinheiras, “roubávamos” as panelas da Vó, assim como os ingredientes e o almoço era improvisado na “nossa casa”, no meio do mato, isso quando não pescávamos lambari, limpava-os, espetava-os em um graveto, e assava-os no fogo feito por nós.

¹ Nesta sessão, com o intuito de apresentar uma justificativa pessoal para a realização desta dissertação, será utilizado o tempo verbal em primeira pessoa do singular.

Lembro-me que independente de brincar sozinha ou com os outros, depois de fazer os “temas” da escola, a brincadeira sempre imperava. Geralmente com minha irmã, às vezes com as vizinhas, ou até mesmo sozinha, mas a alegria mesmo era quando os primos (as) vinham nos visitar, ai era uma festa só.

Por vezes apenas apanhava um limão e ficava jogando no telhado de casa esperando ele voltar; Pegar uma faquinha e abrir buracos na terra; juntar esterco de pá no gramado para ganhar uns “troquinhos”; jogar bolinha de gude; andar de motoca, e o grande passo dado, aprender a andar de bicicleta; tinha também a brincadeira da galinha e da raposa, onde fazíamos um ninho com grama seca, as pedras eram os ovos e a galinha devia protegê-los da dona raposa; a escola, onde a mana me ensinou a ler; e quando decidíamos andar de canoa na lagoa? Simples, era só pôr ela em cima do carrinho e ir; tinha também a pescaria, era uma grande preparação, caçar a minhoca, arrumar os caniços, o balde, e não podíamos esquecer o lanche, para então seguir o curso do rio e no final um banho no mesmo só pra refrescar.

Mas a emoção mesmo era quando toda a família resolvia descer com o carrinho de lomba, feito pelo meu tio para exatamente estas ocasiões, a adrenalina era conseguir desviar da lagoa, mas as vezes fazíamos de “propósito” e íamos lagoa a dentro. Mantendo a adrenalina no assunto, posso dizer que uma das melhores brincadeiras era o esconde-esconde noturno, que medo, ficar escondida sozinha no breu da noite, por vezes dava-se um jeito de se esconder junto com os tios, ou com o pai e a mãe, era muita diversão.

Sim, a brincadeira sempre estava presente, entretanto, entre uma e outra, foram duas fraturas no braço esquerdo, algumas torções no tornozelo dos tombos até aprender a andar de bicicleta e muitos cortes. Mas hoje, já não lembro quanto doeu esses machucados, porém, as lembranças das brincadeiras estão vivas em mim, e isso me faz feliz, recordar a infância que me foi proporcionada.

Enfim, em breves palavras e de forma resumida traduzi meu tempo de criança, e com os olhos marejados pelas recordações descritas acima, posso dizer com convicção, que eu experienciei, que eu vivi, que eu tive uma infância riquíssima, serei sempre grata ao lugar que fui criada e aos adultos ao meu redor que certamente favoreceram para que a brincadeira acontecesse, tive muita sorte.

Mediante a isto, minhas memórias, com certa nostalgia, fizeram com que surgisse o questionamento sobre os caminhos assumidos pelo brincar contemporâneo. Quais as

possibilidades que crianças na atualidade ainda possuem para um livre brincar e se-movimentar? Sobra tempo para isso?

A proposta de pesquisa apresentada, busca satisfazer as inquietações acerca da nova cultura do brincar, assim como, das consequências que a privação ou incentivo às brincadeiras trazem a criança. A elaboração do presente trabalho representa um acréscimo às inúmeras contribuições já disponibilizadas pelos diversos autores do tema, assim como se configura uma sequência dos estudos já iniciados durante o período de graduação e como bolsista no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.

Portanto, a possibilidade de dar seguimento em um estudo iniciado na graduação, é de grande importância na sociedade atual, que se apresenta cada vez mais opressora da liberdade infantil, das brincadeiras, do lúdico, e representa uma grande contribuição, tanto para o meio acadêmico quanto social.

A infância é uma fase onde a criança está sempre descobrindo e aprendendo algo, e o brincar proporciona isto a ela, sendo fundamental nessa etapa. Mesmo existindo certa intencionalidade implícita na brincadeira, a criança apenas brinca, brinca por mero prazer e diversão, livre de preocupações e imposições dos adultos.

O sentido atribuído a infância se restringe a seres manipuláveis e aprendizes com a intenção de guiá-las para o futuro, abdicando a vivência do presente. Todas as ações desenvolvidas pelas crianças são rotuladas como inúteis ou até mesmo como perda de tempo, como nos confirma Alves (1994, p. 51), “O normal é ver as crianças como aquelas que precisam ser ensinadas, seres inacabados que, à semelhança do Pinóquio, só se tornam pessoas de carne e osso depois de serem submetidas às nossas artimanhas pedagógicas”.

Frente a considerações sobre o papel da criança e do brincar, configura-se pertinente o estudo sobre o brincar e suas transformações, relacionando com a aceleração do tempo, aspecto que marca e dita o ritmo da sociedade moderna atual.

Com base em relatos históricos sobre a criança em sociedade desde a Idade Antiga, podemos identificar que resquícios daquela época persistem em manter-se vivos até os dias de hoje, relacionado a como os adultos costumam tolher o tempo de ser criança, embora com meios distintos, os fins se assemelham, introduzir a criança num processo de “adultização”.

No decorrer da história da humanidade até os dias de hoje, a criança assumiu diversas concepções sob a percepção da sociedade na qual estava inserida. Até o século XVII não

existia uma definição específica sobre a criança, e essas eram consideradas como adultos em miniatura, de forma que o que os diferenciava dos adultos era a sua estatura reduzida, pois seu vestuário, linguagem e até mesmo suas práticas eram semelhantes às dos adultos. Essa indiferenciação resultava da irrelevância que o ser criança assumia naquele período histórico, como afirma Ariès (1981).

Principalmente nas classes mais pobres, devido à necessidade de sobrevivência, a criança era precocemente introduzida nas obrigações do mundo adulto. Em meados do século XVIII essa situação claramente se confirmava, mediante a exploração da mão de obra infantil nas fábricas e minas, onde os proprietários não apresentavam qualquer distinção do trabalho da criança em relação ao dos demais operários.

Já hoje, Segundo Honoré (2009), os pais, mais do que nunca, procuram “gerenciar” as ações e cada minuto de seus filhos na busca frenética para que tenham um futuro bem sucedido. Acabam bombardeando afazeres com fins considerados mais produtivos, depositando expectativas que precisam ser correspondidas mesmo que contra a vontade dos filhos. Sendo assim, desde muito cedo a criança já é confiada às mãos de especialistas para sua lapidação em busca de sucesso.

Na mesma direção Verden-Zoller (2004) acrescenta que a criança deve ser protegida da intromissão de especialistas em aparências e manipulações. A civilização moderna se tornou demasiadamente rápida, ruidosa e desvitalizada, assim, num mundo tão profundamente transformado, perderam-se as características que satisfazem as necessidades da criança, ou seja, as brincadeiras espontâneas. Vivemos, assim, em um mundo que não dá à criança o espaço de liberdade e paz que ela precisa para se desenvolver de maneira salutar.

O tempo comanda todas as ações que realizamos, como nos afirma Honoré (2012, p.32), “em certa medida, sempre foi assim. Mas hoje sentimos mais do que nunca a pressão do tempo”. Ainda ressalta que por mais que nos apressemos, nos programemos, as horas do dia nunca são o suficiente, deste modo buscamos “encaixar sempre mais e mais coisas em cada hora do dia” (HONORÉ, 2012, P. 13).

A pressão exercida pelo fator tempo, percorre o mundo adulto na sua totalidade e se encaminha ao mundo da criança. Staviski, Surdi e Kunz (2013) salientam que, a criança, por ela só, não percebe o tempo como os adultos. Entretanto, no atual contexto, a aceleração do

tempo, assim como a busca por resultados, na maioria das vezes impossibilita a espontaneidade e o livre brincar.

O “tempo de ser criança” se configura o momento pelo qual a criança, por meio do brincar livre e espontâneo, compreende e cria relações com o mundo ao seu redor, portanto, é imprescindível que esse tempo seja vivenciado.

Aos padrões socioeconômicos impostos atualmente, para a grande maioria das pessoas o brincar é compreendido como uma ação destituída de significados utilitários e sérios, conseqüentemente este, está sendo “sufocado” ou substituído por afazeres considerados mais “produtivos”, conduzindo a criança aos padrões sociais vigentes. Frente a tal situação, Alves (1994, p.34) afirma que “A sociedade não tolera a inutilidade. Tudo tem de ser transformado em lucro”. O mesmo autor é enfático em seus questionamentos:

Brinquedo não serve pra nada [...]. Nada se produziu, nenhuma mercadoria que pudesse ser vendida, não se ganhou dinheiro, não se ficou mais rico. Pelo contrário: perdeu-se. Perdeu-se tempo, perdeu-se energia. Por isto que os adultos práticos e sérios não gostam de brincar. O brinquedo é uma atividade inútil. E, no entanto, o corpo quer sempre voltar a ele. Por quê? Porque o brinquedo, sem produzir qualquer utilidade, produz alegria. Felicidade é brincar. (ALVES, 1994, p. 62).

Estes primeiros apontamentos são relevantes para que seja incorporado o objetivo geral do estudo: Investigar as novas configurações do tempo na era tecnocrática e suas implicações no tempo de ser criança e no seu Brinca e Se-movimentar.

Assim, o presente trabalho será desenvolvido através da apropriação de conteúdos e produções científicas de diferentes autores, por meio de uma pesquisa teórica, com o intuito de buscar a construção de um novo conhecimento. A pesquisa teórica para Demo (1985), não deve se ater a mera especulação, ou seja, “a reflexão aérea subjetiva, à revelia da realidade”. Ainda segundo Demo (1986) apesar de a pesquisa teórica não intervir de forma direta na realidade, possui o intuito de construir caminhos para uma intervenção prática de qualidade através deste embasamento aprofundado de conhecimentos.

Conforme Demo (1985, p.23), “a pesquisa teórica é aquela que monta e desvenda quadros teóricos de referência”. Para o referido autor esse tipo de pesquisa exige uma ampla análise dos trabalhos já elaborados sobre um determinado assunto, de forma que, com a mediação do pesquisador, seja possível a construção de um conhecimento criativo.

Entretanto, se configura relevante salientar a dificuldade encontrada na pesquisa

devido ao fato de haver poucos estudos sobre a criança, o brincar e o se-movimentar nesse viés que procura compreender o mundo da criança a partir da perspectiva dela própria e não de uma visão adulta que normalmente se sobressai na maioria das vezes nas pesquisas que temos acesso.

Marques (2006) possui o entendimento que realizar pesquisas é buscar coisas novas, diferentes e originais, é compartilhar uma conversa com diferentes interlocutores possibilitando a abertura de novos horizontes e a estruturação de novos saberes. Sendo assim iniciamos um diálogo com diversos autores a fim de reconstruir ideias para que possamos entender, saber mais, descobrir e conhecer um pouco do mundo da criança.

Com esta proposta metodológica, iniciamos nossa conversação com o primeiro capítulo intitulado “Concepções da Criança em Sociedade”, abordando a história da criança em sociedade, desde os séculos passados até chegar aos dias atuais, assim como, a concepção do adulto em relação a ela e algumas leis criadas que vieram a servir de respaldo à criança.

Em seguida, prosseguindo no mesmo capítulo, apresentamos a velocidade de vida moderna, como a ditadura do relógio se estabeleceu e se intensificou com o passar do tempo e como nossa percepção do tempo se modificou depois da Revolução Industrial, cunhando uma nova perspectiva de que todo tempo deve ser utilizado de forma útil e produtivo e o quanto mais rápido melhor.

No capítulo seguinte, "Sobre como tolhemos o brincar da criança", apresentamos a percepção do tempo acelerado imposto pelo sistema socioeconômico atual, a qual estabelece aos adultos parâmetros de comportamento e acaba influenciando na constituição do ser criança, conduzindo o sentido do seu desenvolvimento a uma noção meramente funcionalista.

A cultura acelerada, produtiva e competitiva adulta vem cada vez mais migrando aos costumes da criança e o adulto faz questão de que isto aconteça para que desde a mais tenra idade a criança já se destaque em relação às demais, apressando de fato, o tempo de ser criança adultizando-a precocemente.

Para o terceiro capítulo “A criança no seu devido lugar: Brincar e Se-movimentar” expomos as características do brincar livre e espontâneo, a necessidade da criança brincar e se-movimentar e experienciar o tempo de ser criança com suas peculiaridades, sem a interposição constante e gerenciamento dos adultos.

Encerrando nossa conversação com os mais diferentes autores, valemo-nos das

considerações finais, onde apresentamos nossas reflexões acerca de considerarmos a criança como um ser pensante, criador de cultura a partir da sua melhor forma de linguagem, o brincar livre e espontâneo e o se-movimentar. Para tanto, destacamos algumas sugestões aos adultos de modo que apoiem e auxiliem o desenvolvimento da criança para além de um viés utilitarista.

2 CONCEPÇÕES DA CRIANÇA EM SOCIEDADE

2.1 HISTÓRIA DA CRIANÇA

Tendo como ponto de partida a Idade Antiga, pretendemos expor relatos sobre as concepções destinadas a criança, perpassando por diferentes momentos históricos, a fim de mostrar que a criança sempre esteve a merce de julgamentos culturais particulares de cada período civilizatório. Entretanto, “toda a concepção da história é sempre acompanhada de uma certa experiência do tempo que lhe está implícita, que condiciona e que é preciso, portanto, trazer à luz” (AGAMBEN, 2008, p. 111).

Postman em seu livro “Desaparecimento da infância”, expõe que os gregos prestavam pouca atenção na infância como um período especial. Devido a isso, também constatou-se improvável o interesse do povo grego em retratar em pinturas ou em suas estátuas a imagem da criança.

Mediante inúmeras pesquisas teóricas sobre a criança na Grécia Antiga, a palavra que surge com notável realce é educação, embora apresentada de maneiras bem distintas pelas duas principais cidades-estados, Atenas e Esparta. A educação em Atenas valorizava o equilíbrio corpo e mente, buscando conciliar a saúde física e o debate filosófico. Já a civilização Esparta devido a sua tradição militarista, priorizavam o treinamento do corpo e viam a educação como um mecanismo de inserção desses valores militares, formando indivíduos aptos para batalhas.

Atenas e Esparta possuíam uma riqueza cultural distinta, e não cabe a nós avaliarmos qual o costume que mais se destacou ou colaborou para a vida e o desenvolvimento da Grécia. Essa comparação serve para ressaltar que o povo grego, independente da cultura praticada, exaltavam a educação, e foi a partir deles que surgiu a ideia de escola.

Já os romanos permaneciam com a ideia de escolarização criada pelos gregos e ainda, desenvolveram uma noção de infância, superando-os, onde as crianças deveriam ser cuidadas, estarem a salvo dos costumes adultos e que precisavam de educação escolástica. Postman (1999) afirma que, devido a invasão dos bárbaros, deixando em colapso o Império Romano e levando a Europa a imergir na idade das trevas, na Idade Média, todas as ideias criadas pelos gregos e romanos sobre a criança desapareceram.

Da Idade Antiga, pouco se conhece sobre o ser criança, em virtude disso nos aprofundaremos um pouco mais a partir da Idade Média, devido a um maior número de relatos sobre este assunto.

De acordo com Postman (1999), a ideia de infância tentou ser entendida e integrada na cultura dos mais diversos povos, em épocas diferentes, representando significados distintos, porém singular, de acordo com o cenário social, econômico, religioso e intelectual em que apareceu. “Em alguns casos foi enriquecida; em outros, negligenciada; em outros degradada. Entretanto, nenhum momento desapareceu, embora as vezes tenha chegado muito perto disso”. (POSTMAN P. 66).

Acredita-se que, no decorrer da história, a pouca, ou nenhuma atenção destinada à criança se dava pela ideia, equivocada, de que essa era uma idade de passagem, um período de transição, que logo seria ultrapassado. Somava-se a isso o problema dos altos índices de mortalidade, que geravam incertezas em relação ao sucesso futuro, por isso o investimento em afetividade era reduzido a quase nada.

A família não conservava laços afetivos, como sentimentos e valores, sua função principal era conservar os bens e proteger a honra, por isso o transcurso da criança em sociedade era breve e, na essência, insignificante. Quando ultrapassado esse período de dubiedade acerca do futuro da criança, e essa apresentasse o mínimo desenvolvimento físico necessário, logo era misturada aos adultos, partilhando de seus trabalhos e demais costumes. A infância era marcada por um sentimento de dependência, no qual a criança dependia do adulto para suas ações e permanecia sob seus cuidados, passado esse tempo, já não estava mais na infância.

De acordo com Ariès (1981), até meados do século XIII a criança não recebia atenção especial por parte dos adultos, sequer tinham um conceito ou expressão que poderia caracterizá-la particularmente, diferenciando-as dos demais. Prevalecia a ideia de que as crianças nada mais eram do que homens de tamanho reduzido onde seus trajes e práticas (jogos, brincadeiras e trabalho) eram iguais à dos adultos.

Essa indiferença entre crianças e adultos se comprovava principalmente com vistas no traje, logo que a criança abandonava o cueiro, já era vestida como os demais adultos da mesma condição, as mais diversas idades eram vestidas iguais e a única preocupação se detinha em manter visíveis o escalão da hierarquia social por meio do que se vestia. “Nada, no

traje medieval, separava a criança do adulto” (ARIÈS, 1981, p. 32).

Ainda segundo o mesmo autor, essa recusa em reconhecer a criança como um ser especial é uma marca das civilizações arcaicas, que prevaleceu fortemente até o século XIII, se alastrando até os séculos XVII, XVIII em menores proporções.

Outro aspecto importante que reforçava essa indiferença para com a criança, foi as representações artísticas. Segundo Ariès (1981), até por volta do século XII, a arte medieval não tinha interesse em representar a criança, esta era posta sem diferenças de expressão e traços dos adultos, o que poderia as distinguir era o seu tamanho em menor escala.

Um exemplo que aparece essa junção é a obra de Velásquez “As meninas” ou “Família de Filipe IV” do século XVII. Na obra o pintor retrata a corte espanhola, a menina ao centro se trata da princesa Margarida, através da arte nota-se que, mesmo criança, está vestida como as mulheres adultas, assim como sua postura e delicadeza. Nos relatos de Ariès (1981), a pequena Margarida vestia por baixo do vistoso vestido um espartilho de ferro, uso costumeiro das mulheres da época, com a finalidade de moldar a cintura e manter a postura impecável, sem dúvidas esta roupa impossibilita qualquer movimento peculiar da infância que a menina, por ventura, desejasse realizar. Assim, a obra ratifica a concepção da época em relação ao ser criança, no qual sem preocupações compartilhavam o comportamento habitual dos adultos.



Figura 1: 'Velásquez, As Meninas' ou A Família de Filipe IV, do século XVII.

Fonte: Pesquisa realizada no Google, 2016.

Mesmo que prevaleça retratos de adultos em miniatura, surgem no século XIII

algumas representações como o anjo e o menino Jesus, que remetem a imagem da criança que se aproximam do sentimento moderno.

A descoberta da infância começou sem dúvida no século XIII e sua evolução pode ser acompanhada na história da arte e na iconografia dos séculos XV e XVI. Mas os sinais de seu desenvolvimento tornaram-se particularmente numerosos e significativos a partir do fim do século XVI e durante o século XVII.

Realmente, o século XVII situa-se como momento em que se inicia um novo sentimento em relação a criança, no qual a sociedade passou a perceber que a criança não deveria ser tratada da mesma forma que os adultos. Deveras, um processo gradual e lento, mas que começou a receber maior atenção, aos poucos descobrindo sua própria linguagem, seu próprio traje, enfim, suas peculiaridades.

Com o advento do traje especial que distinguiu as crianças (meninos) dos adultos, nota-se uma evolução a cerca do sentimento da infância. Um novo sentimento havia surgido no meio familiar, a “paparicação”, em que a criança, por sua ingenuidade e graça, se tornava uma fonte de distração e de relaxamento para o adulto, considerada a alegria do lar, (ARIÈS, 1981).

Aries, (1981) ressalta que os meninos, ao menos os de boa família, já possuíam roupas próprias que as diferenciam dos adultos, e foram os primeiros a frequentar colégios. Este ingresso em um mundo infantil inicialmente era regalia exclusiva dos meninos, estes benefícios ainda não englobariam as meninas, que continuariam sem uma escolaridade própria e a se vestir e se portar como mulheres adultas. A escola começa a assumir função fundamental na educação das crianças, entretanto, era privilégio para meninos.

As meninas continuaram por muito tempo ainda sendo tratadas como adultas, sem qualquer educação, recebiam somente uma aprendizagem doméstica ou, por costume, eram mandadas a conventos, onde recebiam basicamente instruções religiosas. Foi apenas no fim do século XVII que criou-se uma instituição educativa para meninas, se iniciaria então uma escolarização com um atraso de cerca de dois séculos, (ARIÈS, 1981).

O sentimento da infância beneficiou primeiro meninos, enquanto as meninas persistiam mais tempo no modo de vida tradicional que as confundia com os adultos. Se nos limitarmos ao testemunho fornecido pelo traje, concluiremos para a particularização da infância durante muito tempo se restringiu aos meninos. O que é certo é que isso aconteceu apenas nas famílias burguesas ou nobres. As crianças do

povo, os filhos dos camponeses e dos artesãos, as crianças que brincavam nas praças das aldeias, nas ruas das cidades ou nas cozinhas das casas continuaram a usar o mesmo traje dos adultos, conservavam o antigo modo de vida que não separava as crianças dos adultos, nem através do traje, nem através do trabalho, nem através dos jogos e brincadeiras. (ARIÈS, 1981, p. 41).

Conforme relatos do referido autor, se a criança já participava de festas, jogos, danças, em igualdade com os adultos, ao completar sete anos esses costumes se concretizam efetivamente, e esta começava a aprender, de maneira geral, os ofícios do adulto, como caçar, montar a cavalo, usar armas, e até algumas ações militares. De certa forma essa idade simbolizava o momento onde começaria a receber educação no colégio doutrinário com uma rigorosa disciplina, ou então, trabalhando em contato com os adultos a lhes ensinar.

Pelos costumes daquela época o sétimo aniversário datava o início da vida adulta de uma criança, logo, as peculiaridades da infância eram deixados de lado e sua educação confiada aos adultos. Apontamentos indicam que essa idade marcava uma etapa importante para a criança no século XVII, pois estava apta a entrar na escola ou começar a trabalhar, (ARIÈS, 1981).

Na sociedade medieval, a percepção da infância não existia, contudo não quer dizer que as crianças eram abandonadas ou desprezadas, a percepção da infância difere da afeição pelas crianças, refere-se a consciência da particularidade infantil, que distingue essencialmente a criança do adulto. Devido a isto quando a criança apresentava condições de viver sozinha, ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes (ARIÈS, 1981).

De acordo com o autor citado acima, o sentimento à infância teve seu ápice no momento em que a sociedade atribuiu essa particularidade da fase, com o advento do traje especial, quando a família lhes atribuiu maior cuidado e atenção e os mestres utilizaram a escola como meio de resguardo da criança dos costumes da vida adulta, garantindo que fase por fase fosse vivenciada de acordo com suas reais características.

Vasconcelos (2012), apresenta que por volta do século XVIII, influenciada pelo catolicismo cristão, a alma da criança é reconhecida antes que seu corpo, vista para além de seus fins biologicistas. A infância é contemplada sob os cuidados do adulto, novas práticas foram adotadas em relação a higiene e alimentação, e ainda as primeiras vacinas foram implementadas para proteger a criança pequena de futuras enfermidades. Aliado aos cuidados à saúde da criança, a sociedade constrói uma nova visão de infância, despontando a

necessidade de separar a criança do adulto com objetivos de zelar por sua “inocência infantil”.

Ainda segundo Vasconcelos, a educação se tornou a ferramenta mais importante para que essa diferenciação acontecesse, e o que era no início privilégio de alguns clérigos letrados, ou famílias nobres, começou a abranger populares de classes menos favorecidas.

Se por um lado a escola tornou-se peça crucial para a diferenciação entre crianças e adultos, tendo a aceitação de uma grande parte do povo, com a intenção de proteger e treinar as crianças a resistir as tentações do mundo adulto, por outro a disseminação da escolarização teve resistência, uma extensa parcela da população infantil continuava com os velhos costumes, educados com a prática de aprendizagem em contato com os adultos.

Essa resistência em aderir a educação das escolas atingiu principalmente as meninas, que segundo Ariès (1981), eram educadas pela prática e costume, educadas em casa, ou ainda na casa de outros adultos. O contato das meninas com a escola não se difundiria antes do século XVIII. Já para os meninos, a escolarização privilegiou no primeiro momento a classe média, a alta nobreza continuava fiel a antiga aprendizagem, e ainda aos mais pobres, podemos dizer que a velha forma de aprendizado perdurou por muito tempo, até a educação escolar romper barreiras e definitivamente acolher a todos.

O século XVII foi efetivamente o período histórico em que começou a dar-se maior importância à criança, ocorrendo a distinção em relação ao adulto. J. H. Plumb citado por Postman (1999, p.51), observa que “cada vez mais a criança se tornou objeto de respeito, uma criatura especial, de outra natureza e com outras necessidades, que precisava estar separada e protegida do mundo adulto”. O autor acreditava, porém, que o objeto de interesse nessa separação não estava centrado na criança porque ela possuía outra natureza e outras necessidades, mas sim por acreditar que “tinham outra natureza e outras necessidades porque foram separadas do resto da população”, (POSTMAN, 1999, p.51).

Os costumes assumidos socialmente a partir desse reconhecimento da infância passa a beneficiar novas formas de cuidados com a criança. Surge a preocupação em orientar a conduta com boas maneiras, assim como, linguagens próprias e adequadas a esta fase, resguardando a criança do palavreado um tanto quanto improprio dos adultos. Esses fatos levaram a criação de divisões de leitura apropriadas às crianças e aos adultos.

Postman (1999) salienta que com a amplificação da escola formal, incentivadora da separação da literatura livresca para adultos e crianças alfabetizados, o acesso das crianças aos

livros foi restringido, pois os livros agora passavam pela vistoria de professores/as e pais. Perante isto, a infância começa a ser percebida como categoria biológica que necessita de cautela. Inicia-se um processo de idealização de que as crianças possuem um mundo social próprio.

Este sentimento de ordem mais racional da infância se cria principalmente fora da família, conduzido pelos costumes moralistas de origem da educação cristã, com clara preocupação em transmitir valores morais, bons costumes e disciplina adequados aos valores da época, a fim de assegurar o desenvolvimento da infância moral.

De fato, constatamos que desde a idade média, onde existia indiferenciação entre crianças e adultos, até meados do século XVII, momento em que a educação começou a se tornar prioridade, o sentimento acerca da infância modificou-se totalmente, o surgimento da escola e seu desenvolvimento foi em decorrência desse novo sentimento e preocupação com a educação e preparação para a vida, entendido que só a escola poderia então lhes proporcionar isto. Postman (1999, p. 58) ressalta que, “quando o modelo da infância tomou forma, o modelo da família moderna tomou forma também. O acontecimento essencial na criação da família moderna, como Ariès enfatizou, foi a invenção e depois expansão da escolarização”.

A família e a escola retiraram juntas a criança da sociedade dos adultos. A escola confinou uma infância outrora livre num regime disciplinar cada vez mais rigoroso, que nos séculos XVIII e XIX resultou no enclausuramento total do internato. A solicitude da família, da igreja, dos moralistas e dos administradores privou a criança da liberdade de que ela gozava entre os adultos. Infligiu-lhe o chicote, a prisão, em suma, correções rigorosas. Mas esse rigor traduzia um sentimento muito diferente da antiga indiferença. Um amor obsessivo que deveria dominar a sociedade a partir do século XVIII. (ARIÈS, 1981, p. 195).

Postman (1999) complementa a ideia acima, ressaltando a liberdade que existia entre as crianças antes de que a “infância” existisse. As crianças foram submetidas a uma educação destinada a torná-las “boas”, desta forma, reprimindo suas energias naturais. Num mundo sem livros nem escolas, a criança possui um campo vasto para se expressar. Mas num mundo de aprendizado, esta liberdade precisa ser modificada. As palavras de ordem eram quietude e imobilidade, pais e professores começaram a impor uma disciplina rigorosa em nome de uma boa educação, a expressividade natural surge como impedimento à aprendizagem. “A capacidade de controlar e superar a própria natureza tornou-se uma das características definidoras da idade adulta e, portanto, uma das finalidades essenciais da educação, para

alguns, a finalidade essencial da educação” (POSTMAN, 1999, P. 61).

Embora rígida e severa esta maneira de educação oferecida, nada mais é do que o reflexo do sentimento moderna à infância, no qual os adultos desenvolveram a preocupação em estabelecer boas condições pelas quais a criança iria se tornar uma adulta.

O novo sentimento em relação a criança progride bem até o século XVII. No século XVIII, com o advento da revolução industrial, houve a migração da população do campo para a cidade, em busca de ascensão econômica por meio do trabalho em fábricas e minas. “Com o crescimento de grandes cidades industriais e a necessidade de trabalhadores nas fábricas e nas minas, a natureza especial das crianças foi subordinada à sua utilidade como fonte de mão de obra barata”, (POSTMAN, 1999, p. 67). A industrialização foi uma inimiga permanente da infância naquele momento, e como se não bastasse, a sociedade inglesa tratava de maneira cruel as crianças de classes inferiores.

Postman (p 68) assegura que:

O tratamento brutal infligindo às crianças das classes inferiores não destruiu nem podia destruir a ideia de infância. Felizmente para o futuro, a ideia era feita de material mais rígido do que as crianças que nunca foram beneficiadas por ela. Houve várias razões pelas quais a infância sobreviveu à avareza da Inglaterra industrializada, e uma delas é que as classes média e alta mantiveram a ideia viva, alimentando-a e difundindo-a.

Ainda, em conformidade com o mesmo autor, por mérito então, o sentimento à criança enfim alcançou as classes pobres, e com ele todos seus benefícios. No fim do século XIX o analfabetismo entre homens e mulheres, tinha sido praticamente erradicado. Constituiu-se, assim, um movimento, em toda a Europa, em prol de uma concepção mais humanitária de infância, defendendo o bem-estar das crianças, (POSTMAN, 1999).

Ainda segundo Postman (1999, p. 81), o período de 1850 e 1950 representa o auge de reconhecimento da criança.

Foram feitas tentativas bem-sucedidas durante esses anos de pôr todas as crianças fora das fábricas e dentro das escolas, dentro de suas próprias roupas, de seu próprio mobiliário, de sua própria literatura de seus próprios jogos, de seu próprio mundo social. Em uma centena de leis as crianças foram classificadas como qualitativamente diferentes dos adultos; numa centena de normas foi-lhes atribuído um estatuto preferencialmente e oferecida proteção contra os caprichos da vida adulta.

Vasconcelos (2012), aponta que a infância não é um artefato natural, ela se constitui historicamente, marcada pelos interesses de uma sociedade. Em conformidade ao exposto anteriormente, com bases em Ariès (1981) e Postman (1999), a infância passa por variações advindas de mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais as quais configuram novos sentimentos de infância e novas concepções de ser criança.

Frente a este caminho histórico e social construído, perpassando pelas mais diversas transformações, o ser criança assume um lugar de destaque na sociedade moderna. Para Ariès (1981), o sentimento de infância representa a evolução histórica das mais diversas concepções, desde seu anonimato, até seu reconhecimento como diferente dos adultos, culminando novas idealizações, assim como, o sentimento de infância na modernidade.

Esse sentimento moderno traz consigo uma preocupação dos pais para com seus filhos, uma superproteção um tanto quanto exacerbada, que vem se desenhando ao longo da história, e que se efetivou concretamente no fim do século XVIII logo após a primeira Revolução Industrial, no qual a preocupação inicial seria de que, as crianças crescessem saudáveis para então, serem adestrados a servir de mão de obra qualificada ao manuseio de máquinas com tecnologia avançada, atendendo aos novos tempos industriais. Mais tarde, os pais dedicaram maiores cuidados com a saúde e educação dos seus filhos, e ainda, com a descoberta da pediatria, da psicologia e da pedagogia, a importância dada a criança ganhou novos contornos, mais delicados e intensos no âmbito familiar, educacional e jurídico.

2.2 LEGISLAÇÃO DA CRIANÇA

Esse novo modo de tratar a criança se torna ainda mais saliente devido ao emprego de leis criadas e estabelecidas que apresentam instrumentos que designam os direitos das crianças e asseguram sua proteção. O cumprimento dessas medidas é dever não só do estado, mas de toda a sociedade, tendo como premissa proeminente, proteger a criança e criar condições para que seu desenvolvimento integral aconteça sem grandes impedimentos.

O ano de 1924 data a primeira referência legal que se fez a necessidade de proporcionar à criança uma proteção especial, sendo anunciada na Declaração de Genebra sobre os Direitos da Criança. Em 1989 na Declaração Universal dos Direitos Humanos as Nações Unidas proclamaram que a infância tem direito a cuidados e assistência especiais.

Este reconhecimento à criança foi um fato propulsor para que as Nações Unidas adotassem uma convenção sobre os Direitos da Criança se consumando no Brasil em 1990, promulgado pelo decreto nº 99.710 de 21 de novembro, entrando em vigor e sendo cumprido o que nele se contém.

Executado pelos estados partes, como mesmo diz no texto da Convenção, em síntese, se comprometem a assegurar à criança a proteção e o cuidado que sejam necessários para seu bem-estar, garantindo-lhes como direito o descanso, lazer e divertimento próprios da idade referida, reconhecendo-a como sujeito de direitos como os demais seres humanos.

A Constituição Federal de 1988, com supremacia nacional, determina que haja "prioridade absoluta" na proteção da infância e na garantia de seus direitos. Fixado algumas vezes no decorrer da redação legal, transparece a importância do reconhecimento por parte da sociedade em geral da criança como um ser distinto e de direitos.

A proteção à infância é reconhecida como um direito social, assim como a educação, resguardando a criança até sua adolescência uma educação gratuita e obrigatória, assim como, todo amparo necessário que garanta sua integridade, para que seu desenvolvimento aconteça da maneira mais salutar possível.

Como nos refere o Art. 227º desta:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Vindo de encontro as afirmativas do art. 227º, na tentativa de cessar casos de exploração da mão de obra infantil o inciso XXXIII do art. 7º da CF faz ressalva a proibição de todo e qualquer trabalho para menores de 16 anos, exceto na condição de menor aprendiz aos 14 anos de idade. Dessa forma fica legalmente vetado o trabalho infantil, com o intuito de mais uma vez assegurar a livre vivência dessa fase de maneira íntegra, sem pressões e responsabilidades que faz parte do mundo adulto.

Em consonância o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), criado para complementar a Constituição Federal, também traz em seu texto legal tudo que diz respeito a criança, os seus direitos, e os deveres da família, do poder público e podemos dizer da sociedade em geral perante elas.

Ressaltamos as afirmativas redigidas no art. 3º:

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

A liberdade considerada também como um direito da criança, compreende que ela brinque, pratique esportes e se divirta, sempre protegendo sua dignidade, resguardando-a de qualquer tratamento desumano, violento ou constrangedor, assim manifesta o art. 18º.

Tanto a Constituição Federal da República de 1988, quanto o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069/90, lavram em seus incisos, parágrafos e artigos, prerrogativas essenciais do ser criança em sociedade, tornando-as seres de direitos como todos, tratando-a com exclusividade e prioridades que esta fase requer, distinguindo-a dos adultos.

Ariès (1981), nos apresentou que, pelo menos até meados do século XVII, os adultos não tinham nenhum tipo de pudor para com a criança, se permitiam tudo perante elas, linguagens grosseiras, até associavam-nas a brincadeiras com temas sexuais. Tudo era permitido, elas ouviam e viam tudo. Existia uma ausência de reserva diante destas, o respeito era algo ignorado.

Relatos que nos surpreendem, pois com a evolução das concepções a cerca da criança, o sentimento atribuído a elas e conseqüentemente a criação das leis, como as expostas anteriormente, os adultos, assim como o poder publico, vêm com o propósito a imprimir esse pudor, esse resguardo ao máximo, para que a criança permaneça na inocência da infância.

2.3 NOVAS LEIS E O SEU NÃO CUMPRIMENTO: COMEÇO DA ACELERAÇÃO

A necessidade de criar leis de amparo surge mediante a evolução do sentimento pela criança, o que antes era apenas um adulto em miniatura que não recebia muita importância dos adultos, agora podemos dizer que assume um papel central na sociedade, existe uma preocupação excessiva com a sua criação.

Estas leis são frutos de inúmeras mobilizações e discussões em prol de uma infância mais digna, que conceda a criança direitos que nos séculos passados eram ausentes, assim

como todas as leis criadas, garantindo a todos, condições mínimas de uma vida em sociedade mais humanitária.

Entretanto, assim como pôde ser observado no relato histórico da evolução da percepção acerca da criança e infância, as ferramentas legais, artifício moderno utilizado para determinar um padrão de comportamento de uma civilização, estão condicionadas ao momento em que são pensadas, e estão propensas a apresentarem falhas morais, ou ainda incoerência em sua lógica.

Como exemplo desta incoerência, podemos citar o tema trabalho infantil, que mesmo sendo proibido pelos textos legais de amparo a criança, perduram até os dias de hoje, nas mais diferentes formas, em todas as partes do mundo. Salientamos nesse momento, o trabalho artístico mirim, que a cada dia vêm ganhando mais destaque, “alimentado” pela indústria de entretenimento, por meio de propagandas, filmes, novelas e anúncios publicitários, trabalhos que passam despercebidos pela sociedade, ou o mais certo, a sociedade fecha seus olhos diante da sua ilegalidade e imoralidade.

Já existe desde 2006 no Senado, o Projeto de Lei nº 83, que tem por objetivo regulamentar a idade mínima para o trabalho como ator, modelo e atleta. No entanto, apesar da existência dessas normas nacionais que, tecnicamente, regulamentam a atividade do artista mirim, as mesmas são normas infraconstitucionais, e tal situação somente poderia ser alterada com uma emenda constitucional, conforme aponta a Senadora Marisa Serrano, em audiência pública realizada pela Comissão de Educação, Cultura e Esporte (CE), em 2008, com o intuito de discutir o projeto de lei citado anteriormente.

Deste modo, permanece em vigor, algumas leis que fazem referência ao trabalho infantil e ao trabalho artístico mirim, prevendo em alguns casos, alvarás que permitem a atuação da criança nestes meios. Cavalcante 2013, observou que na Lei nº 6.533/78 e no Decreto nº 82.385/78, que regulamentam a profissão artística, não há referência ao artista mirim, de forma que a presente situação deve ser interpretada com base em outros textos legais.

Como a Organização Internacional do Trabalho (OIT), que em sua Convenção nº 138, de 1973, estabeleceu limites de idade mínima para o trabalho, assim como autorizou algumas situações nas quais as crianças poderiam atuar no trabalho artístico, mesmo abaixo da idade mínima (art. 8º), desde que preenchidos alguns requisitos, entre eles uma autorização

concedida pelo Juiz da Infância e da Adolescência, além de uma série de restrições que devem ser observadas acerca das condições de trabalho (OIT, 1973).

A Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), Decreto-lei nº 5.452, prevê, em seu art. 405, § 3º, que não será permitido o trabalho do menor em teatros de revista, cinemas, boates, cassinos, cabarés, dancings e estabelecimentos análogos, empresas circenses e semelhantes, exceto se verificado que essas atividades tenham fins educativos e que sua prática não trará prejuízos à formação moral do menor e, ainda, que essa ocupação seja primordial à subsistência sua e de seus familiares, (art. 406, I e II). Sendo assim, o juiz poderá permitir essa forma de trabalho.

Já a lei que dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069/90, traz, em sua redação, a possibilidade de emissão de alvarás para autorizar a participação da criança em espetáculos públicos, ensaios e desfiles, condicionando a autorização a uma verificação das condições do ambiente para sua participação no trabalho em questão (art. 149, § 1º). Cavalcante (2013, p.145), salienta que “não fica claro, porém, se essa participação artística seria apenas para o contexto pedagógico (escolas, clubes, igrejas), ou se incluiria a atuação infanto-juvenil no segmento econômico artístico, ou seja, na indústria do entretenimento, da moda e da publicidade”.

Não é consenso entre os juristas, assim como na própria sociedade, a legalidade do trabalho artístico mirim, ou a constitucionalidade desses textos legais (ECA, CLT, OIT). Embora em consonância com o inciso XXXIII do art. 7º da Constituição Federal de 1988, quando estabelecem a proibição do trabalho para menores de 16 anos, exceto na condição de menor aprendiz aos 14 anos de idade, os referidos textos apresentam artigos complementares, fazendo referência à emissão de alvarás de permissão de trabalho artístico da criança em casos específicos. Contudo, na CF/88 não está prevista nenhuma ressalva sobre a concessão de alvarás para a prática do trabalho artístico mirim e, uma vez que a presente CF se constitui hierarquicamente superior às demais leis promulgadas, prevalece, teoricamente, a vedação de todo e qualquer trabalho para menores de 14 anos.

Mediante a constitucionalidade dos textos legais apresentados, reforçamos os argumentos da ilegalidade do trabalho infantil no ramo artístico apresentando dois estudos realizados em contato com artistas mirins, que nos relatam a realidade cotidiana adultizada vivida por essas crianças.

O primeiro estudo, feito por Cavalcante (2013), trata de uma investigação desenvolvida pela Faculdade de Saúde Pública da USP, tendo como objetivo descrever e avaliar a atividade do artista mirim e suas possíveis repercussões no desenvolvimento infanto-juvenil. O estudo foi feito em forma de entrevista e observações com dez atores mirins e seus responsáveis.

Os resultados mostram que os artistas mirins provêm de diversas classes socioeconômicas e que, além da iniciativa da mãe para o ingresso do filho na carreira, há também casos com motivação exclusiva da criança. Em sua maioria, são mães preocupadas em acertar na educação do filho, e acreditam fielmente que precisam aproveitar as oportunidades oferecidas e que aceitar aquele convite é a melhor decisão que poderiam tomar. “Acompanham a participação artística, atentas aos abusos e descasos sofridos ao lado deles, muitas vezes angustiadas e presas às expectativas próprias ou dos filhos, contudo impotentes frente a pressões e regras impostas por um segmento empresarial poderoso” (CAVALCANTE, 2013, p. 153).

Conforme a pesquisa, em geral nenhum empreendimento traz a criança como centro das preocupações e, por esse motivo, muitas vezes o princípio da proteção integral preconizado na lei é negligenciado. Foram raras as produções apontadas nas entrevistas que observaram as exigências legais com relação à saúde física e mental da criança. Algumas das mães acompanhantes destacaram que elas próprias cuidam dessas providências (CAVALCANTE, 2013). Na audiência pública realizada pela Comissão de Educação, Cultura e Esporte (CE), citada anteriormente, a produtora cultural Liane Mühlenberg manifestou a necessidade de encontrar um “ponto de equilíbrio” entre as questões legais e psicológicas dos atores mirins para atender a demanda do mercado, pois, segundo a própria produtora relatou, “a presença de atores infantis atrai o público”. Os dados apresentados reforçam a percepção de que a indústria do entretenimento não está preocupada com a saúde e o desenvolvimento da criança, mas sim com a audiência e o resultado financeiro.

Na análise dos processos de organização do segmento artístico, evidenciou-se que a participação da criança tem natureza de trabalho, que não existem cuidados especiais em adaptar a produção às necessidades do artista mirim e que as relações são estabelecidas em ambiente de pressão, competição e vaidade. Sendo assim, fica evidente que os direitos das crianças e a lei são desrespeitados com frequência. (CAVALCANTE, 2013).

Mediante o exposto, a falta de conhecimento dos direitos e das necessidades reais dos seus filhos soma-se a interesses diversos, que podem ter ou não motivações financeiras, e isso tudo leva as famílias a colocar em risco a saúde e boa formação de suas crianças.

Ainda, o estudo apresentado por Cavalcante (2013), traz alguns efeitos na saúde dessas crianças. Consequências positivas (aumento da autoestima, aprendizado de habilidades, aquisição de cultura, melhora de desenvoltura em público) e negativas (baixa da autoestima, elevação da autocrítica, piora na alimentação, distúrbios no sono, ansiedade, impossibilidade de frequentar compromissos familiares e escolares, prejuízo no rendimento escolar, prejuízo nas relações de amizade). Os entrevistados identificaram riscos à saúde física e mental decorrentes da participação artística, entre elas estão quedas, problemas musculares, estresse, problemas com autoestima, abusos, cansaço e contato precoce com assuntos adultos.

Os profissionais do segmento acreditam se tratar de trabalho como qualquer outro e que, por isso, se exige profissionalismo, seriedade e responsabilidade. Há rotina de horários, ensaios, ritmo e exigências. Na mesma direção, Cavalcante (2011) traz que o trabalho artístico requer muito treinamento e dedicação, cujo esforço não é visto por aqueles que apenas vislumbram o produto final. Em relação ao trabalho realizado por crianças, esse esforço é maior por se tratar de um sujeito mais frágil, que se cansa e se irrita com mais facilidade.

O segundo estudo é uma dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC, intitulado “A infância dos bastidores e os bastidores da infância: uma experiência com crianças que trabalham na televisão”, por Lacombe (2004). A psicóloga apresenta sua experiência na assistência aos artistas mirins da Rede Globo, que se encontravam com um elevado índice de estresse e não conseguiam realizar o trabalho desejado pelo diretor geral do programa.

O primeiro diagnóstico foi a falta de espontaneidade das crianças durante as gravações. Elas eram obrigadas a usar “um ponto” (aparelho usado no ouvido, através do qual o diretor se comunica com os artistas em cena) (...) criando uma “espontaneidade fabricada”. As crianças são limitadas aos comandos do diretor, pois o que está em jogo é o fim econômico daquela produção e, portanto, nada pode dar errado, (LACOMBE, 2004). A criança é privada de sua liberdade de se expressar e “se movimentar”, ficando condicionada ao reprodutivismo, o que poda a criatividade e a espontaneidade naturais dessa fase da vida.

Outra constatação foi o fato de que a maioria das crianças não se preocupa em

desenvolver uma atividade artística, mas sim em ser um “artista famoso”, fato que, provavelmente, faz com que também os pais incentivem e depositem em seus filhos expectativas, exerçam pressão, acreditando no sucesso, dirigindo atenção da ação para os resultados. Consequência disso, foi constatado outro fator prejudicial à saúde das crianças - o alto nível de estresse, resultante de jornadas de trabalho exageradas, inúmeras viagens, entre outros aspectos que podem ocasionar tal sintoma, (LACOMBE, 2004).

Ainda ressaltando os danos da privação do “tempo de ser criança”, acelerando-o e contribuindo para o processo de "adultização" precoce, o Ministério do Trabalho e Emprego, cria um documento com base em fundamentos científicos, intitulado “Saiba tudo sobre o trabalho infantil”, trazendo algumas razões pelas quais se condena o trabalho infantil, dentre as quais: a criança perde a oportunidade de brincar, estudar e aprender; a exposição das crianças às pressões do mundo do trabalho pode provocar diversos sintomas, como, dores de cabeça, insônias, tonteiras, irritabilidade, dificuldade de concentração e memorização, taquicardia e baixo rendimento escolar. Além disso, essas pressões podem causar problemas psicológicos, tais como medo, tristeza e insegurança. Esses são exemplos de problemas que podemos relacionar com o trabalho artístico mirim.

Ainda, a Convenção dos Direitos da Criança da ONU prevê que, Os Estados Partes reconhecem o direito da criança de estar protegida contra a exploração econômica e contra o desempenho de qualquer trabalho que possa ser perigoso ou interferir em sua educação, ou que seja nocivo para sua saúde ou para seu desenvolvimento físico, mental, espiritual, moral ou social.

Esses fatos expostos nos estudos acima, reafirmam o quão importante seria o estado executar os preceitos dispostos na Constituição Federal no que diz respeito a proibição de todo e qualquer trabalho infantil, e ainda, podemos ressaltar o posicionamento dos pais frente ao sentimento moderno de infância, que devido a preocupação exacerbada, na tentativa de acertar e garantir o futuro dos filhos, podem expor a criança a uma realidade incoerente com sua faixa etária.

2.4 A CRIANÇA DE HOJE

Honoré (2009) salienta que, existem muitas vantagens em ser criado no mundo

desenvolvido do século XXI. As chances de que a criança sofra desnutrição, abandono, violência ou morte, estão muito reduzidas perto do que era em outro momento histórico. A criança é o centro das preocupações agora, a sociedade busca o desenvolvimento de meios que facilitem sua criação, como, conforto material, novas formas de vestir, alimentar, escolarizar e divertir, além de todos seus direitos estarem protegidos por leis nacionais e internacionais.

Mário Cordeiro, um dos mais respeitados pediatras portugueses, afirma em uma entrevista que, houve uma mudança evolutiva muito grande em relação à qualidade de vida e aos direitos humanos nos últimos tempos. Essa evolução culminou em sermos melhores pessoas nos dias de hoje comparado a séculos atrás, entretanto, frente a um turbilhão de informações que a era moderna nos apresenta, como o crescimento urbano, avanços tecnológicos e industriais, nos tornamos uma geração demasiadamente preocupada.

De acordo com uma matéria, de 2012, da revista “Veja”, o maior problema dos pais superprotetores e ansiosos em guiar o filho ao topo, é reconhecer que eles podem estar falhando no crescimento do filho. Em geral, não percebem que, ao tentar fazer de tudo pela criança, estão evitando que ela aprenda a lidar com as próprias frustrações.

No Brasil, essa proteção exacerbada, em geral se dá pelo fato dos pais temerem pela segurança de seus filhos. O crescimento urbano e a violência excessiva fazem com que a necessidade de proteger esteja em foco sempre, há, no entanto, um limite entre a preocupação aceitável e a excessiva, que pode fazer mais mal do que bem a uma criança ou adolescente.

Um estudo apresentado pela revista espaço acadêmico expõe que, quando os pais protegem demais, tendem a passar insegurança para os filhos, o que resulta dificuldades em se relacionar com pessoas e experimentar as possibilidades que o mundo oferece. Parece que a timidez tem como causa a repressão e a asfixia da educação familiar. Além disso, encontramos em crianças superprotegidas a perda de autonomia, medo de enfrentar situações diferenciadas daquelas do cotidiano, falta de iniciativa, reclusão, distanciamento da realidade, dentre outras características.

Essa nova forma de educação repercute em todo o mundo, e são batizados com nomes distintos. Educação helicóptero, porque os pais estão sempre pairando acima da cabeça dos filhos, hipereducação, ou ainda, os escandinavos fazem piadas sobre os “pais varredores” que vão freneticamente varrendo o gelo à frente de seus filhos, e no Japão, “mães educativas”, que

dedicam cada segundo do tempo ócio a monitorar suas crianças por meio do sistema escolar, assim nos afirma (HONORÉ, 2009).

Ainda, como se não bastasse, a tecnologia vêm de encontro a essa educação opressora da liberdade infantil. GPS, e celulares são usados cada vez mais como aparelhos de monitoramento e rastreamento, auxiliando a vigiar a criança quando se encontra longe dos olhos dos pais (HONORÉ, 2009).

Segundo o mesmo autor, estamos criando a geração mais conectada, mimada e monitorada da história. Complementando, Leandro Karnal, historiador brasileiro, refere-se à atual geração como a geração mais mimada da história. Ele abarca questões que representam marcos positivos, como a ausência de castigos físicos, mas alerta para aspectos importantes como, a ausência de limites e o fato dos pais cederem, sempre, “à manha e ao mimo”.

Ainda Honoré (2009, p. 26) ressalta que hoje, “criadas em um pedestal, as crianças chegam a esperar que o mundo caia a seus pés, e ficam zangadas quando isso não acontece”. Aos pais resta a justificativa de estarem fazendo o melhor para seus filhos, esforçam-se para não fracassar em sua educação e têm pavor de serem julgados, procuram estar sempre a frente de todas as decisões que envolvam a criança, um gerenciamento um tanto quanto obcecado.

Onde quer que se olhe hoje em dia, a mensagem é a mesma: a infância é demasiado preciosa para ser deixada às crianças, e as crianças são demasiado preciosas para serem deixadas sozinhas. Toda essa intromissão está forjando um novo tipo de infância. No passado, a Criança Trabalhadora labutava nos campos e, depois, nas fábricas da Revolução Industrial. O século XX testemunhou a ascensão da Criança Sem Limites. Agora ingressamos na era da Criança Gerenciada, (HONORÉ, 2009, p. 17).

Esse gerenciamento da infância surge como uma das consequências do sentimento moderno atribuído a ela, e esse sentimento se efetiva, no século XVIII, junto às transformações na percepção do tempo pelos adultos. Uma percepção mais acelerada, introduzida pela lógica de trabalho na Revolução Industrial, no qual, tempo era dinheiro, quanto mais rápido se trabalhasse, mais se produziria.

Segundo Ariès (1981), esse valor existencial que foi atribuído ao trabalho, não fazia parte das sociedades mais antigas, e também nem tinha tanta importância na opinião comum, os jogos e brincadeiras sempre se sobressaiam a ele. Fato que hoje, e podemos dizer, a partir da ascensão do período industrial, se modificou completamente. O trabalho passa a receber grande importância da/na sociedade moderna, dedica-se a maior parte das horas do dia a ele.

Uma pesquisa realizada com 12 mil trabalhadores em 85 países revelou que a maioria do público investigado trabalha mais do que oito horas por dia, média estipulada legalmente.

No Brasil, o percentual de pessoas que trabalham mais do que oito horas por dia fica acima da média no mundo. Quase metade dos profissionais brasileiros admitem que trabalham até onze horas por dia. De uma maneira geral, a pressão por resultados é que impulsiona esse aumento na quantidade de horas trabalhadas.

Vivemos em um mundo a cada dia mais acelerado, nossa atual sociedade está rotulada pela correria do dia a dia e pela falta de tempo, na qual, todas as ações são pensadas e praticadas visando resultados, as horas do dia devem ser preenchidas com atividades úteis, que gerarão alguma produção posteriormente.

Como os adultos, as crianças também estão expostas às influências e imposições sociais e econômicas do contexto cultural no qual estão inseridas, cada vez mais as pressões exercidas no mundo adulto refletem e ditam a vivência dessa fase. A produtividade “toma conta”, assim como o fazer compulsivo de tarefas com sentido estritamente utilitarista, o que vem contribuindo para o aceleração do tempo de ser criança.

Os meios eletrônicos se fazem presentes em nosso cotidiano vêm contribuindo efetivamente para este apressamento. Crianças de classe média e alta são as que mais têm contato com aparelhos eletrônicos, aparelhos estes que vem trazendo novas configurações para a constituição do ser criança.

Se antes as brincadeiras eram baseadas em se movimentar, hoje, na maioria delas já não ocorre mais assim. Uma das principais diversões e envolvimento das crianças quando brincam está sempre relacionada a brinquedos tecnológicos e aparelhos eletrônicos.

O tempo de ser criança de hoje está limitado pelos adultos, ora por preocupação em deixar seu filho sair de casa para brincar, ora por comodidade em deixá-lo entretido com aparelhagens eletrônicas garantindo sossego para realizar suas inúmeras tarefas sem interferências inoportunas da criança.

Para a criança que brinca, ficar horas em frente a estes aparelhos é comum, e acaba desenvolvendo certo vício e conseqüentemente dependência, além de instigarem o sedentarismo pelo fato do brincar ocorrer de forma passiva, sem necessidade de movimento. Um exemplo disto é o vídeo game, que na maioria das vezes é muito importante ser rápido, entretanto o corpo da criança permanece imóvel.

Além de a criança contemporânea estar vidrada em uma vida conectada à tecnologia, os adultos com certas intencionalidades explícitas procuram gerenciar cada passo dado na infância, e a criança acaba se tornando mera marionete em suas mãos.

Os pais transmitem às crianças as responsabilidades do mundo adulto, como a competição e a produtividade. Agendas lotadas de tarefas extracurriculares são impostas na perspectiva de que ocorra um destaque em relação às outras crianças, ou ainda, que consiga ser lapidada pelos especialistas e alcance o sucesso logo.

As crianças realizam atividades por mero prazer, pois não possuem essa noção de possíveis resultados futuros, ao contrário do que esperam os adultos, ou seja, que a criança se descubra e desenvolva habilidades que ainda estão ocultas pela natureza do tempo de criança.

O sentimento moderno para com a criança se estabelece em uma relação de extrema preocupação, seja pela violência que se estabeleceu principalmente nos grandes centros, ou simplesmente uma forma de reprodução do comportamento de outros adultos, pais de outras crianças da mesma escola do seu filho, por exemplo. Enfim, na tentativa de proteger ou impulsionar seus filhos a se sobressaírem em relação as demais crianças de seu convívio, acabam sobrecarregando a criança com atividades e rotinas semelhantes às de um adulto.

O tempo moderno de ser criança, principalmente nas classes média e alta, que estamos dando destaque, ganha, cada vez mais, um viés desenvolvimentista e funcionalista. A criança pouco brinca livremente, pouco se movimenta, a interação que ocorre com a brincadeira ou com o próprio movimento em si, se configura carregado de intencionalidades geradores de resultados.

Os aparelhos tecnológicos estão substituindo as brincadeiras tradicionais, no tempo em que a criança permanece em casa ou até mesmo fora dela está sempre conectada. As TVs, tablets, vídeo games e smartphones, são as babás da nova geração.

Inúmeras tarefas sobrecarregam o dia da criança, de maneira que as horas do dia se apresentam cada vez mais insuficientes. Os adultos transferem seus sonhos, suas expectativas frustradas a seus filhos, fazendo com que busquem incansáveis meios para especializar a criança o mais rápido possível, sem perceber, ou, sem se preocupar que estão, como intencionalidade ou não, apressando o tempo de ser criança.

Mais do que nunca a criança está tendo a vida igual à do adulto, todos os dias da semana são programados e planejados com tarefas utilitárias justamente com a intenção de

que a criança rapidamente descubra alguma habilidade, ou então, desenvolva-a e especialize-se, o que precisa ser feito é “correr” de uma atividade a outra, uma rotina exaustiva em busca de resultados. Com inúmeras atividades tidas como sérias e necessárias, pouco tempo sobra para a criança brincar e viver a infância.

De fato, ouvimos falar que estamos em uma corrida contra o tempo, e que o relógio se transformou em um grande vilão de nossas ações, seguimos rigorosamente os ponteiros do relógio, que parecem estar cada vez mais rápido, entretanto, o relógio continua trabalhando e marcando as horas na mesma velocidade que antes, o que se modificou foi como nós percebemos o tempo. Este aceleração da vida cotidiana está atrelado a nossa nova percepção do tempo, desencadeado, podemos dizer, pela evolução científica e tecnológica da era moderna.

2.5 A VELOCIDADE DA VIDA MODERNA

Segundo Honoré (2005, p. 32), “a humanidade sempre esteve escravizada ao tempo, sentindo sua presença e sua força, mas nunca soube muito bem como defini-lo” e apesar de ser de difícil compreensão, todas as sociedades criaram maneiras de medi-lo e serem guiados por ele.

Elias (1998) apud Staviski (2010) acrescenta que o tempo parece fugir da nossa compreensão, não o vemos, não o tocamos, nem o ouvimos, não pode ser percebido por nossos sentidos, parece não existir, mas cada dia se faz mais forte e mais presente em nossas vidas.

Primeiramente as civilizações não destinavam tanta atenção na tentativa de medir com exatidão o passar do tempo. Visto como algo natural, suas práticas, assim também como o trabalho, eram realizados de acordo com as necessidades básicas, se sentiam fome, comiam, sede, bebiam, sono, dormiam; o tempo ócio dominava.

A necessidade de controle do tempo foi negligenciada até o surgimento da era dos relógios, com o advento da Revolução Industrial, quando passou a ser possível observar e controlar as atividades ao longo dos segundos. Com o surgimento da mecanização, o tempo dos trabalhadores começa a ser controlado pelos ponteiros do relógio da linha de produção. Foi a partir do surgimento das fábricas que se modificou a maneira de utilização do tempo, a

sua percepção, a notável forma de poder que os relógios começaram a exercer sobre a sociedade em questão (CARVALHO, 2016).

“A ditadura do relógio”, reportagem publicada no site La Parola em 2013, aponta que o relógio transformou o tempo de um processo natural em uma mercadoria, algo que possa ser comprado e vendido de acordo com a necessidade de produção, os patrões chegavam ao ponto de manipular os relógios para roubar dos trabalhadores mais de suas horas com o intuito de produzir mais. A revista superinteressante publicou uma reportagem sobre o “Relógio: máquina do tempo” afirmando que, poucos inventos moldaram tanto o mundo moderno como o relógio. Ele tornou possível a civilização industrial e fixou a ideia de desempenho na atividade humana.

Criou-se a base de uma disciplina do tempo, o relógio é quem vai determinar o ritmo da vida, tornou-se possível, para o bem e para o mal, uma civilização atenta ao tempo, escravizada pelo tempo, portanto à produtividade e ao desempenho.

A Revolução Industrial imprimiu um novo ritmo de vida acentuado pela aceleração, facilitado pela implantação da tecnologia e mecanização das máquinas o processo de produção também se tornou eficiente e rápido, surgindo o slogan “tempo é dinheiro”, ideologia capitalista, regulamentada pelos ponteiros dos relógios.

Embora criado para facilitar a orientação e coordenação das atividades humanas, o relógio assume um valor maior do que inicialmente se propunha. A mensagem emitida não se limita em mostrar que horas está marcando, mas sim, simbolizar de acordo com uma rotina, o que deve ser feito e de como deve-se agir, tornando-se indispensável na padronização reguladora social, (STAVISKI, 2010).

Ainda, de acordo com Staviski (2010), o relógio faz parte das nossas vidas e sem seu auxílio tudo se tornaria mais difícil, mas, o que queremos trazer em questão é o fato de seu constante controle, criado pelo próprio homem, dominar nossas ações diárias.

O tempo, sob a forma de relógios, calendários e outras tabelas de horários, exerce uma coerção que se presta eminentemente para suscitar o desenvolvimento de uma autodisciplina nos indivíduos. Ele exerce uma pressão relativamente discreta, comedida, uniforme e desprovida de violência, mas que nem por isso se faz menos onipresente, e à qual é quase impossível escapar (STAVISKI, 2010, p. 46).

Elias (1998) apud Staviski (2010) ressalta que tempo passa a ser percebido como uma

força misteriosa que exerce coerção a todos nós. A maneira como estamos vivendo na sociedade moderna nos induz a perceber o tempo como acelerado, que nos pressiona a todo momento, e nos tornamos escravos dele pelo fato de tentarmos controlá-lo. Dessa forma, podemos dizer que o poder está nas mãos daqueles que de certa forma conseguem controlá-lo.

De acordo com Staviski (2010), o tempo acelerado assume uma posição de destaque no cenário mundial, notadamente percebemos isto quando frequentemente nos valemos de metáforas quando nos referimos a ele, “falamos sobre o desperdício de tempo, sobre passar o tempo, tempo é dinheiro, otimizar o tempo, estar sem tempo, ter tempo suficiente, correr contra o tempo, percebemos como ele está presente em nossas vidas e na maioria das vezes, perfazendo grande parte das nossas preocupações” (p. 45). Ao tentarmos controlar o tempo estamos também controlando a nossa própria vida.

Na contemporaneidade a aceleração do tempo foi imposta à sociedade, e segundo Honoré (2005), nosso cérebro está plugado na velocidade, nos acostumamos com ela, assim como gostamos de ir cada vez mais depressa. “A velocização está constantemente alimentando a necessidade de mais velocidade ainda” (p.47).

Staviski (2010) salienta que, para uma grande parcela da população, levados pelo ritmo acelerado de suas vidas, o tempo que possuem se apresenta constantemente insuficiente. Em razão dessa nova percepção de aceleração do tempo, temos a impressão de que ele está ficando escasso, embora as horas os minutos e os segundos continuem os mesmos, ou ainda, não foram acrescidos e nem retirados os segundos e tampouco foi modificada a estrutura e organização dos calendários, portanto, o que provavelmente tenha mudado tenha sido a nossa maneira de viver, o nosso comportamento, e a necessidade de controlar cada passo dado durante nosso dia.

Honoré (2005) nos apresenta que, essa perspectiva lógica de que o rápido é sempre melhor, faz parte do ritmo do mundo moderno, no qual tudo se torna uma corrida contra o relógio e todos estão constantemente sob pressão para ir sempre mais depressa, na tentativa de economizar tempo e maximizar a eficiência na execução das tarefas. Porém, nem sempre a quantidade significa qualidade, ou ainda, conforme é apresentado por Honoré (2005, p. 14), a “evolução se escora no princípio da sobrevivência do mais apto, e não do mais rápido”.

Mesmo com estas afirmações acima, podemos dizer que a partir de meados do século XVIII com o advento da industrialização tecnológica, o homem começou a ser condicionado

pela própria máquina a fazer tudo mais depressa. E embora tenha ocorrido resistência em se adaptar aos novos moldes impostos, a adaptação aconteceu, e hoje, a sensação deste mundo acelerado é de liberdade.

Segundo Honoré (2005, p. 14) “a velocidade contribuiu para modificar nosso mundo de maneira incrivelmente libertadora” o problema é que nosso amor, podemos dizer até, nossa obsessão por ela está indo longe demais, “transformou-se num vício, numa espécie de idolatria”.

Isto se confirma ao passo que nos preocupamos em estar sempre produzindo, segundo Staviski (2010), a percepção de que o tempo pressiona tem uma relação muito próxima com o termo quantidade, atulhamos coisas e mais coisas em cada hora do dia, assim a sensação que temos é que o tempo que temos se apresenta insuficiente.

Para acompanhar este ritmo frenético e se manter eficientes na aceleração, muitos buscavam estimulantes. No início da era acelerada, o álcool e o cigarro exerciam seus efeitos químicos rapidamente no organismo, porém na década de 1990 entraram em decadência e a droga do momento passou a ser a cafeína, ingrediente não só ativo no café, mas também em algumas marcas de refrigerante, (GLEICK, 2000)

A busca por estimulantes mais potentes logo se intensificou, surgindo o uso de drogas como as anfetaminas, e a mais famosa, metanfetamina, o efeito causado é de estimular o sistema nervoso e disparar uma sensação de excitação e energia. Os atletas utilizavam-nas como agentes da velocidade, outros as empregavam como antídotos contra o tédio, funcionam como aditivos do nosso motor acelerado, (GLEICK, 2000).

Entre os profissionais de colarinho branco, a cocaína continua sendo a carga de reforço favorita, mas as anfetaminas, também conhecidas como “speed” (velocidade), estão chegando perto. A utilização dessa droga nos locais de trabalho nos Estados Unidos aumentou em 70% desde 1998. Muitos empregados dão preferência à metanfetamina cristal, que proporciona um surto de euforia e disposição que se prolonga pela maior parte do dia do trabalho. Também livra o usuário da embaraçosa prolixidade que costuma ser um efeito colateral do consumo de cocaína. O problema é que as formas mais potentes de speed viciam mais que a heroína, e a euforia pode ser seguida de depressão, agitação e comportamento violento (HONORÉ, 2005, p. 18).

Ainda, o mesmo autor salienta que, com tantas coisas pra fazer e cada vez mais num tempo extremamente comprimido, se dedica um número maior de horas para o trabalho, queremos estar sempre à frente do outro, num alto nível de competição. Devido a esta

obsessão ao trabalho e ao capitalismo, destina-se menos horas ao sono e conseqüentemente todas as necessidades biológicas do ser humano acabam ficando de lado, por isso acontece a procura por estimulantes.

Honoré (2005) enfatiza que o mundo deu uma guinada na marcha acelerada e a utilização do tempo do relógio como referência tornou-se um estilo de vida na qual vai apertando seu controle com o auxílio da tecnologia permitindo que tudo seja feito em uma velocidade absurda, assim, a pressa permeia cada momento da nossa vida.

Antes da era da máquina ninguém era capaz de mover-se mais rapidamente que o galope de um cavalo ou um veleiro à plena força do vento. A força dos motores mudou tudo, de uma hora para outra, acionando-se um interruptor, pessoas, informações e objetos podiam viajar grandes distâncias com velocidade inédita. Uma fábrica era capaz de produzir mais bens num dia do que um artesão durante a vida inteira. “À medida que se disseminavam a industrialização e a urbanização, o século XIX assistiu a um infindável desfile de invenções destinadas a ajudar as pessoas a viajar, trabalhar e se comunicar com mais rapidez” (HONORÉ, 2005, p. 37).

Segundo o mesmo autor, “a nova velocidade prometia excitação e prosperidade inimagináveis, e as pessoas não hesitaram”, (p. 35). A tecnologia precursora da velocidade modificou nosso mundo de maneira libertadora, e permitiu que tudo fosse feito mais depressa.

Da mesma forma que se apresenta libertadora, a tecnologia também nos causa dependência, dependência porque recorremos a ela para tudo, moldamos nossas ações em função dela na tentativa de realizar múltiplas tarefas e mesmo assim economizar tempo. Surge como a facilitadora de nossas atividades diárias, quem se imaginaria hoje, viver sem carro, internet até mesmo um celular.

Pensamos a tecnologia como facilitadora apresentando o simples exemplo dos meios de comunicação, o telefone, e o e-mail, que permitem a aproximação entre pessoas que podem estar distantes uma da outra. Ou ainda, mais atual, as redes sociais, que possibilitam a comunicação entre pessoas de todo o mundo.

A tecnologia trouxe progresso ao homem, não há o que contestar. Os seus benefícios ofereceram certa comodidade à vida. Como dito antes, as invenções tecnológicas possibilitaram que tudo fosse feito mais rapidamente, e com o auxílio da evolução da ciência deram início ao mundo com uma velocidade mais acentuada.

A viabilidade proposta pela evolução tecnológica e científica acarretou produções intuindo facilitar a praticidade desde as mais comuns ações realizadas diariamente, até a busca pela obtenção de resultados específicos diversos.

Milhares de mudanças decorrentes do desenvolvimento crescente da tecnologia e ciência ocorreram no passar dos tempos. De maneira sucinta pretendemos explicar alguns progressos que possuem relação com o estudo em questão, a fim de uma comparação evolutiva do antes e do agora, demonstrando de como realmente a tecnologia e a ciência interferiram na acentuação da velocidade e da funcionalidade das coisas.

Começando pelo grande controlador da sociedade, o relógio mecânico inicialmente era posto em lugares públicos, com o aperfeiçoamento de suas funções e reconhecimento de sua importância na vida da população, foram criados relógios de pulso para um maior controle de nossas ações. Segundo (GLEICK, 2000, p. 30):

Os inventores criaram relógios de pulso que anunciam compromissos, ou monitoram a pulsação e a pressão arterial, ou armazenam números de telefone, ou acompanham a evolução da temperatura do ar ou da água, ou efetuam somas, ou tocam música, e dizem as horas.

O mesmo autor é enfático salientando que a tecnologia dos relógios se alimenta da tecnologia cada vez mais reduzida e rápida dos microprocessadores, considerando um processo evolutivo mais atual, “os minúsculos motores e baterias substituíram o ato de dar corda manualmente ao relógio”, (GLEICK, 2000, p. 31).

Honoré (2005) ressalta que o relógio faz parte do sistema operacional da sociedade moderna, aquilo que torna tudo possível, prazos, processos de produção, cronometragem, transporte, entre outros. Em relação ao transporte, tempos atrás ninguém se movia mais rápido que o galope do cavalo.

Os meios de transporte tiveram uma guinada considerável quando surgiram os transportes ferroviários, capaz de atravessar cidades em questão de minutos. Já os primeiros carros se moviam em velocidades baixas, hoje, carros de passeio atingem em média 250 km por hora. Ao dirigirmos numa auto-estrada, onde a velocidade permitida é 110 km por hora, inicialmente se parece bastante rápido, passado alguns minutos, já nos parece lento demais, alimentando a necessidade de mais velocidade ainda, (HONORÉ, 2005).

Gleick (2000), nos dá o exemplo do elevador pioneiro de Elisha Otis, meio de

transporte vertical rápido, de curta distância, viajava a vinte centímetros por segundo. Os elevadores de passageiros mais rápidos, a maioria dos quais se encontra no Japão, viajam a mais de nove metros por segundo. Ainda o autor salienta que os fabricantes devem buscar sempre o aperfeiçoamento da máquina, pois um tempo de espera de em média quarenta segundos já desperta impaciência entre as pessoas, um bom tempo de espera está em torno de quinze segundos.

A acentuação da velocidade decorrente da transformação tecnológica e científica transpassa por todos os cantos da sociedade. Honoré (2005) ressalta que a maldição da velocização não se limita apenas aos meios de transporte. Vejamos os meios de comunicação, um dos maiores exemplos desta evolução.

A comunicação, em tempos menos conectados, acontecia pelos correios, por carta. Os transportes de encomendas eram feitos muitas vezes pelo lombo do cavalo, ou por trens e até por navios quando em longas distâncias, e por tempos se manteve assim. O grande instrumento de conectividade foi o telefone que transformou o século de ponta a ponta, (GLEICK, 2000).

O telefone foi uma invenção que permitiu encurtar longas distâncias, e para complementar essa invenção revolucionária, séculos depois surge a internet, instrumento, diga-se de passagem, indispensável nos dias atuais. Oferece-nos a possibilidade de estarmos sempre conectados a tudo que acontece no mundo, sem contar na fácil forma de comunicação, na economia de tempo e dinheiro. A comunicação utilizando a conectividade da internet, se manteve por tempos na forma de e-mails, mas mediante estudos científicos e com o auxílio do avanço tecnológico foram criados meios mais populares e informais de manter esse contato.

Se falando em informalidade, o MSN messenger foi um dos pioneiros meios de mensagens instantâneas. Em 2004, surge o Orkut, rede social que conectou ainda mais pessoas de longas distâncias, e assim como estes exemplos, outros inúmeros recursos vieram de encontro a facilitar nossa comunicação.

Hoje, contamos com a viciante invenção do facebook, rede social mais completa que o “falecido” Orkut. Conta com sistema de postagem de fotos, no qual ficamos “de olho” nos acontecimentos das pessoas que compartilhamos na nossa rede de amizades, assim como, podemos através do bate-papo, conversar e até realizar vídeos chamadas com qualquer que desejamos.

Assim também é o whatsApp, aplicativo criado apenas para smartphones, que tendo o número do contato e conectados a internet, podemos conversar em forma de mensagens e também efetuar ligações gratuitas. Sem contar nos milhares meios e aplicativos de todas as origens, de todas as competências, sempre com o intuito de tornar nossa vida cada vez mais ágil.

Entretanto, da mesma forma que todas estas invenções nos unem, nos deixam próximos, acaba nos distanciando. Distancia-nos, pois estamos de certa forma viciados na tecnologia que está disponível ao nosso alcance, a relação comunicativa na maioria das vezes acontece por esses meios digitais e não mais pessoalmente, o contato humano está sendo substituído pelo contato com seu aparelho digital.

Outro fato que comprova estarmos nos distanciando fisicamente é em relação a nossas refeições, como as fazemos, que de acordo com Honoré (2009, p. 70), “a pressa sentou-se à mesa do jantar durante a Revolução Industrial”, mesmo muito antes da criação de lanchonetes drive-thru o jeito de comer já se resumia em mandar ver, engolir e pronto, a sociedade iniciou um processo de adoração a velocidade e a equipará-la a eficiência.

Ainda de acordo com o mesmo autor, fazemos um breve pist stop para nos alimentarmos ao invés de apreciar um almoço calmo na companhia de amigos ou da família. Optamos por potencializar a economia do nosso tempo e comer sozinho, num curto espaço de tempo, e ainda, se conseguir comer e juntamente realizar alguma outra tarefa melhor ainda. “Comemos sozinhos, em trânsito ou fazendo alguma outra coisa, trabalhando, dirigindo, lendo o jornal, surfando na Net” (HONORÉ, 2009, p. 71).

A ideia de uma alimentação rápida se torna cômoda nos dias apressados atuais, redes de fast food, comida congelada e até macarrão instantâneo são grandes facilitadores da nossa pressa. O forno de microondas veio a acelerar o processo do fogão convencional e a partir do momento que colonizaram as cozinhas, o ato de cozinhar passou a ser medido em segundos, (HONORÉ, 2009).

O autor ainda salienta que naturalmente, a atitude em relação à comida não é a mesma em todo lugar, não podemos generalizar, mas podemos dizer, com certeza, que os americanos despontam na frente dos demais. Com a percepção de que quanto mais rápido melhor e mais eficiente, sempre com pressa queremos que as refeições também nos acompanhem.

Esta aceleração sopra os ecos em direção à fazenda, na produção e criação de

alimentos.

Fertilizantes e pesticidas químicos, alimentação intensiva, facilitadores antibióticos de digestão, hormônios de crescimento, criação assistida, modificação genética – nenhum truque científico conhecido pelo homem deixou de ser explorado para cortar custos, turbinar a produtividade e fazer com que o gado e as colheitas cresçam mais depressa. Dois séculos atrás, um porco levava em média cinco anos para pesar 60 quilos; hoje, chega a mais de 100 quilos passados apenas seis meses, e é abatido antes mesmo de perder a dentição de leite. O salmão norte-americano é geneticamente modificado para crescer de quatro a seis vezes mais rápido que a média. O pequeno proprietário agrícola dá lugar à fazenda agroindustrial, que despeja no mercado alimentos rápidos, baratos, abundantes e padronizados, (HONORÉ, 2009, p. 71)

Percebemos a constante evolução da ciência nos mais diversos segmentos da sociedade. Muitas teorias tidas como verdades até então, hoje estão sendo superadas por novas descobertas, descobertas estas com o principal intuito, agilizar as ações do indivíduo cada vez mais tendenciosas a aceleração.

Segundo Okazaki et al. (2012), o desenvolvimento da ciência e da tecnologia ofereceu a possibilidade do homem dominar e se relacionar com a natureza em seu próprio benefício, modificando completamente a dinâmica da vida. No esporte essa situação também se confirma, estes avanços permitiram a melhoria no desempenho dos atletas de alto nível.

Ainda de acordo com o autor citado, a ciência e a tecnologia aplicada através de instrumentos de mensuração, do mais simples ao mais sofisticado, vêm proporcionando a categoria esportiva meios de aprimorar o desempenho e o alto rendimento do atleta. Cabe a comissão técnica usufruir desses recursos em benefícios da preparação do atleta.

Essa evolução se estendeu e tomou conta de todos os segmentos que permeiam o mundo do esporte, das roupas usadas na prática, até equipamentos de alta tecnologia que permitem acompanhar, analisar e fiscalizar o desempenho de cada atleta na modalidade em questão.

Isso se confirma ao passo que temos o conhecimento da fabricação de ferramentas materiais com o intuito de atender as características únicas e exclusivas de cada esporte, criando circunstâncias favoráveis para que o desempenho da sua prática aconteça da melhor forma possível.

A todo o momento pesquisas acontecem a fim de descobrir novos equipamentos atualizando o mundo esportivo visando a melhoria do desempenho do atleta, como por

exemplo: Qual o melhor tênis ou a melhor roupa para cada modalidade, assim Okazaki et al. (2012, p. 144) nos apresenta que:

Um tênis maratonista possui grande absorção de impacto de baixa magnitude, apresentando, ao mesmo tempo, grande amplitude e pouca restrição de movimento para o atleta, ao passo que o tênis de um jogador de basquetebol necessita de absorção de impacto com maiores magnitude restrição de movimento, pois nessa modalidade o jogador desempenha muitos movimentos bruscos de mudança de direção que podem proporcionar maior risco de lesão.

Ainda salienta que, um atleta de natação com a simples utilização de uma roupa desenvolvida com a mais alta tecnologia para diminuir o atrito do corpo com a água, pode diminuir seu tempo de prova facilitando no alto rendimento. Entretanto, as vantagens na utilização de recursos científicos e tecnológicos não são restritas apenas a equipamentos e acessórios. Tornou-se um importante elemento no treinamento, aprimorando a execução técnica, diminuindo efetivamente a incidência de lesão e aperfeiçoou o desempenho no esporte, (OKAZAKI ET AL. 2012).

Façamos um breve resgate na história de algumas modalidades esportivas que se utilizam do tempo cronometrado para que possamos perceber a otimização da performance através da utilização constante e crescente da ciência e tecnologia.

Por meio de estudos e pesquisas realizadas na tentativa de aperfeiçoar o alto rendimento, a melhoria no tempo dos 100 metros rasos aconteceu, o primeiro recorde registrado foi de 10,6 segundos em 1912 e com o crescente aperfeiçoamento em 2009 aconteceu o grande recorde de 9,58 segundos que permanece imbatível até os dias atuais. Aspectos começaram a ser considerados para que isso pudesse acontecer, seja na mudança de roupa, da sapatilha usada ou do treinamento.

A natação é um dos esportes que mais evoluiu em relação a melhoria da performance, nos valem dos 100 metros livres como exemplo que em 1905 o tempo médio para a realização da prova era de 1:05 minutos, com o passar dos anos o tempo foi baixando, e em 2009 o recorde atingido por um brasileiro é de 46.91 segundos, isso comprova o quanto a ciência e tecnologia auxiliaram para este feito.

Além da performance do atleta, agora equipamentos eletrônicos são utilizados para analisar a prova, na saída, acusando caso aconteça a queimada da largada e na chegada, fiscalizando-a e classificando o atleta, assim também, ocorre na natação, que ainda conta com

uma roupa especial, desenvolvida exclusivamente para melhoria no desempenho.

À medida que o esporte nas suas mais diversas modalidades se tornaram populares, as indústrias passaram a procurar a perfeição tecnológica, a fim de garantirem melhor performance e um maior conforto aos que praticam e aos telespectadores que passaram a contar com uma megaestrutura influenciadas pela tecnologia em todos os aspectos.

Enfim, o propósito destes poucos exemplos expostos acima é mais uma vez reafirmar a ciência e a tecnologia como dominantes de praticamente todas as ações que realizamos no nosso dia a dia, são ferramentas em potencial, propulsoras para um mundo mais acelerado.

Na realidade, a aceleração do tempo, conceito que surge junto com o advento dos relógios e outras formas de controle do tempo, é na realidade uma aceleração das atividades, pois, conforme colocado por Staviski (2010), os segundos continuam passando no mesmo ritmo de sempre, e as estruturas de calendários e relógios não foram alterados, o que se percebe é a tentativa de acumular cada vez mais atividades em um determinado intervalo de tempo, e quando essas atividades não podem ser executadas no tempo estimado, acabam gerando uma sensação de aceleração do tempo.

Ouve-se atualmente que a ansiedade é o “mal do século”, expressão difundida entre autores da psicologia, que desencadeia doenças como estresse, depressão, crises de pânico, entre outras. Com base nas considerações dos autores citados no presente trabalho, podemos inferir que uma das principais causas desses males é a sensação de impotência frente a percepção de aceleração do tempo, uma vez que antecipamos a angústia de que o tempo que teremos será insuficiente para a realização das atividades que gostaríamos de fazer durante um determinado espaço de tempo, seja esse o de uma hora, um dia, ou uma vida.

Essa frustração, causada pelo sentimento de impotência por não ter conseguido realizar todas as atividades desejadas em um determinado espaço de tempo, acaba refletindo nas relações dos pais com os seus filhos, quando os pais, inconscientemente, direcionam as ações dos seus filhos na busca de uma realização pessoal, ceifando a liberdade da criança, além de submetê-la precocemente à ditadura do relógio.

3 SOBRE COMO TOLHEMOS O TEMPO DE SER CRIANÇA

3.1 DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA PERSPECTIVA DA ACELERAÇÃO

Diante desta percepção do tempo acelerado imposto pelo sistema socioeconômico atual, a qual estabelece aos adultos parâmetros de comportamento que levam a uma maior produtividade, consideramos pertinente elucidar o quão estes costumes vêm “respingando” na infância, interferindo no tempo de ser criança e conduzindo o sentido do seu desenvolvimento a uma noção meramente utilitarista.

Mas, afinal, o que realmente é o desenvolvimento da criança?. Costa (2015) nos apresenta em sua tese que, o número de estudos que trata sobre o desenvolvimento da criança é grande, e a perspectiva que mais aparece é com questões biologicistas, onde são criados verdadeiros manuais que oferecem aos adultos orientações regradas para acompanhar esse desenvolvimento.

Segundo a mesma autora, algumas áreas do conhecimento têm interesse em estudar os fatores do desenvolvimento da criança, caso da pedagogia e psicologia, entretanto, apoiam algumas fases mais do que as outras, sempre seguindo o princípio “criança mais inteligente e mais produtiva”.

Este princípio está constantemente presente na intervenção apressada dos adultos, que consideram a criança como seres manipuláveis e aprendizes. Todas as ações desenvolvidas pelas crianças são rotuladas como inúteis e até mesmo desprovida de sentidos, como nos confirma Alves (1994, p. 51), “O normal é ver as crianças como aquelas que precisam ser ensinadas, seres inacabados que, à semelhança do Pinóquio, só se tornam pessoas de carne e osso depois de serem submetidas às nossas artimanhas pedagógicas”.

Conforme Honoré (2009), os pais possuem a ideia de que, quanto mais estímulos a criança receber e o quanto antes, mais esperto será e conseqüentemente, terá um futuro promissor. Essa tese se confirma na oferta das instituições criadas, com o intuito de fomentar estas fases do desenvolvimento. Segundo Costa (2015), o estímulo se apresenta de forma a acelerar principalmente o cognitivo da criança, onde o bombardeio de informações se faz presente com a total anuência e pressão dos pais. Se torna cada vez mais frequente certa disputa entre os pais acerca de qual tem o filho mais inteligente, ou ainda, qual participa de

mais atividades extracurriculares, chegando ao ponto dos pais presumirem insuficientes toda esta gama de informações introduzidas precocemente ao mundo da criança.

Costa (2015) enfatiza que, o desenvolvimento cognitivo, preocupação dos adultos em relação a criança, não se estabelece pela apropriação passiva de conhecimentos, mas sim, pela construção ativa de significados, que podemos dizer, que se dá por meio da experiência prática, tudo que realiza constitui sentido a ela. Larrosa (2002) apud Costa (2015), define experiência sendo aquilo que nos acontece no qual envolvemo-nos de corpo e alma, que nos deixa marcas, podendo permanecer para o resto da vida, e não apenas passar por nós. Requer tempo para pensar, ouvir, olhar, ação quase impossível nos tempos que correm.

Entretanto, sob pressão dos adultos e instituições de ensino o desenvolvimento da criança tomba para um viés produtivista, instrumental e padronizado, com vivências fragmentadas intuindo aperfeiçoar algumas capacidades mais do que as outras. Essas vivências precisam ser repetidas várias vezes até se fixarem como conhecimento, porém muitas coisas que se aprende deveras importante, quando se finaliza o percurso escolar cai no esquecimento, em virtude desta interferência adultocêntrica excessiva, sem experiências, apenas com vivências.

Conforme Costa (2015), sem dúvidas o adulto é essencial no desenvolvimento da criança, o que se questiona, é o fato do seu excesso de interferência, especialmente para apressar a fase ou fragmentá-la, com a ideia de se tornarem adultos preparados para a sociedade competitiva e produtiva.

Para a autora, a criança deve ser vista de forma integral, elas se desenvolvem de forma simultânea e integrada, jamais uma habilidade amadurecerá independente da outra. Pode-se considerar que, cada criança é única no seu tempo de desenvolvimento, evolui-se em velocidades diferentes, no seu próprio ritmo. Por não entenderem essa forma da criança se desenvolver é que ocorrem as exigências, as pressões e o aceleração principalmente da função cognitiva.

Para se desenvolverem, as crianças precisam de tempo e espaço para respirar, para ficar a toa e se aborrecer algumas vezes, para relaxar, assumir riscos e cometer erros, sonhar e ter prazer com suas próprias coisas e até mesmo para fracassar. Se quisermos restaurar a alegria não só da infância, mas também dos pais, chegou a hora dos adultos se retirarem um pouco e permitirem que as crianças sejam elas mesmas, (COSTA, 2015, p. 86).

Ainda Costa salienta, o quão importante significa o apoio do adulto a criança nesta fase, fortalecendo-as emocionalmente, psíquica, mental e corporalmente. Que os adultos se façam presentes em todo este processo de desenvolvimento, desde a fase inicial acompanhando-a em cada degrau até chegarem ao momento de assumirem a sua própria vida.

Atualmente, na nossa realidade, a grande maioria das crianças de 0 a 5 anos vão para uma Creche, para a Educação Infantil, pelo menos no caso de crianças que estamos tratando. Como estamos analisando o tempo de vida destas crianças e já afirmando que deveria se resumir no “tempo do brincar e se-movimentar”, descobre-se que nestas Instituições de Educação Infantil parece não sobrar tempo para isso. Então o que é possível encontrar numa Creche no que diz respeito às atividades ali desenvolvidas com as crianças?

A distribuição do tempo fica mais ou menos na seguinte ordem: café da manhã (quando recebem), aulas de alfabetização e desenho, educação física ou brincar orientado, almoço, descanso, retomado das atividades matutinas invertendo a ordem.

Pode haver variações muito grandes ou inclusão de outras atividades como o manuseio de instrumentos eletrônicos como computador, a música o teatro etc., mas tudo segue rigidamente um cronograma com divisão de tempos para cada atividade.

Isso tudo só pode se constituir num “massacre” psicológico e corporal da criança, que precisa de tempo, muito tempo para tudo que encontra na vida e para tudo que resolve fazer. Nas Instituições de Educação Infantil todas essas coisas lhes são apresentadas como se estivessem sentadas no banco de traz de um carro que em alta velocidade passa por diversas paisagens e ela não consegue fixar nenhuma delas por que NÃO DÁ TEMPO.

Desta forma o cotidiano da criança segue horários rígidos e divisão de tempos de atividades “produtivas”, onde o brincar e se-movimentar descontraído e espontâneo perde cada vez mais seu espaço. A possibilidade das próprias crianças encontrarem o seu ritmo de tempo para a realização de algo vai sendo perdido. Elas estão desta forma em um constante contexto de opressão e exigências externas.

Para um desenvolvimento integral da criança e não de forma unilateral para o rendimento, especialmente o rendimento a ser alcançado no futuro, a questão do tempo é fundamental. O desenvolvimento da criança precisa de tempo, tempo não mensurável, tempo não preenchido por tarefas e deveres, mas tempo para a autodescoberta e com isso a descoberta do mundo e dos outros, tempo para expressar e se-comunicar, tempo para brincar e

se-movimentar.

O Stress com relação ao tempo que os adultos lidam com a criança se mostra claramente com as constantes exigências que recebem, tanto em casa como na escola: “tá na hora de levantar filho(a)! veste logo esse casaco! Anda guria!(Guri!) Senão vamos chegar atrasados de novo na escola hoje! O que?, não escovou os dentes ainda? Está na hora de parar com essa brincadeira! E etc. etc. que podemos ouvir todos os dias se estivermos próximo a crianças.

Se não bastassem as exigências e o “assalto” ao tempo de ser criança na família e na escola (Creche) ainda encontramos inúmeras crianças que participam em atividades paralelas à escola, como escolinhas de esportes, dança, música, inglês, computação e etc., onde o mesmo assalto ao seu tempo ocorre e muitas vezes de forma mais brutal.

Aquilo que se dizia antigamente sobre a diferença entre adultos e crianças, ou seja, que crianças tem mais tempo, não existe mais, hoje elas parecem ter menos tempo. E por isso também ocupam um espaço que há poucos anos era inimaginável que um dia estivessem: nas clínicas de terapia. Não são poucas as crianças que visitam pelo menos semanalmente uma clínica de terapia para recuperar a concentração, melhorar a coordenação motora ou a postura corporal, enfim, até o tratamento mais sério contra depressão. Sim, porque conforme confirmam Eyer, Hirsh-Pasek e Michnick Golinkoff (2006), no fantástico livro “Einstein teve tempo para brincar”, já existe um índice de 5% de aumento de depressão em crianças até 6 anos nos EUA.

Crianças pensam sempre mais globalmente e tudo passa pelo corpo, a percepção corporal da criança é diferente que no adulto (MERLEAU PONTY, 2006), e por isso não é concebível que receba diferentes e múltiplas atividades para fazer durante o dia e de diferentes profissionais para crescerem e se desenvolverem como pessoa. Assim como já dizia Paulo Freire com relação a Educação Bancária que ocorre em nossas escolas, podemos fazer uma analogia com o “entupimento da cabeça da criança” em escolas, escolinhas, instituições e profissionais onde se pode perceber certa semelhança com sementes semeadas sobre sementes e que fazem todas as sementes morrerem antes de nascer uma nova planta.

3.2 AO FUTURO E ALÉM: INTERPOSIÇÃO DO ADULTO NO TEMPO DE SER CRIANÇA

No decorrer dos tempos e com mudanças de costumes constantes, o homem foi substituindo valores e atitudes lúdicas gratuitas em nome do desenvolvimento da racionalidade, assim nos afirma Santin (2001) ao escrever em seu livro “Educação Física: Da alegria do lúdico à opressão do rendimento” .

Com base nas ideias do mesmo autor, a racionalidade foi instaurada como especificidade única e exclusiva das dimensões humanas. A era industrial na qual vivemos em nada favorecem para a prática do lúdico, do brincar, nos encontramos enclausurados nos limites do racional que negam e impossibilitam estes momentos.

Práticas racionalizadas são só mais um dos padrões que a sociedade contemporânea nos impõem, segundo Santin (2001, p.17), “somos educados numa escola concentrada na sala de aula, onde se privilegia o desenvolvimento da inteligência racional como disciplina mental” . Ter o uso da razão e conseqüentemente ser racional são os únicos pressupostos para assegurar os plenos direitos de pertencer a humanidade padronizada, assim, o homem o faz.

O adulto já devidamente domesticado pelo sistema induz a criança ao mesmo. O lugar e o tempo reservados para o brincar tornam-se completamente insignificantes nesta hierarquia das coisas humanas, talvez por ser livre e divertido ou porque é uma atividade desprovida de qualquer interesse econômico que não gera nenhuma riqueza, e ainda “o seu caráter fundamental de gratuidade o torna ainda mais desacreditado perante o homem do trabalho” (SANTIN, 2001, p. 50).

O autor em questão salienta que o brincar é aceito e estimulado nas crianças sempre que inspirar uma didática e uma pedagogia para ensinar ofícios e tarefas, esta prática gratuita, valida em si, na visão do adulto racional produtivo, deveria ser mantida apenas como ferramenta auxiliar na preparação para a vida adulta, para o trabalho.

A criança será convencida a ser um adulto através, entre outras coisas, da manipulação de sua capacidade de brincar. Ela precisa brincar apenas como preparação para a vida futura. Aos poucos a criança precisa ceder os espaços do brinquedo para as atividades sérias do adulto; aos poucos ela precisa renunciar a total liberdade de sua imaginação para pensar dentro dos parâmetros do pensamento do homem grande. Na medida que vai fazendo estas concessões, acaba aceitando

que brincar não é uma atividade recomendável para quem quer ser um adulto sério e responsável. Brincar passa a ser uma atividade que deve ser evitada em quase todas as circunstâncias (SANTIN, 2001, p. 46).

A interposição do adulto no tempo de ser criança é permanente e constante, as necessidades, as pressões da sociedade fazem-no acreditar que estas intervenções sejam necessárias a um bom andamento do desenvolvimento da criança. Na medida em que as crianças crescem são convencidas a substituir a ludicidade pela racionalidade, momento este onde ocorre a transição precoce da criança sendo criança, à criança adultizada.

3.3 O APRESSAMENTO DO TEMPO DE SER CRIANÇA: A CULTURA DE COMPETIÇÃO ADULTA E A PRESSÃO PELA PRODUTIVIDADE

Perguntaram ao Dalai Lama:

- “O que mais te surpreende na Humanidade?”

E ele respondeu:

- “Os homens... Porque perdem a saúde para juntar dinheiro, depois perdem dinheiro para recuperar a saúde. E por pensarem ansiosamente no futuro, esquecem do presente de tal forma que acabam por não viver nem o presente nem o futuro. E vivem como se nunca fossem morrer... e morrem como se nunca tivesse vivido.”

Estamos inseridos em uma sociedade rotulada pela correria do dia a dia e pela falta de tempo, onde todas as horas do dia devem ser preenchidas com alguma atividade útil, que gerará alguma produção posterior. Na nossa moderna, acelerada e competitiva sociedade, os adultos recebem a mensagem que fazer mais e mais rápido é melhor, desta forma são impelidos a trabalhar mais horas e mais produtivamente do que os rivais de seus empregadores, (EYER, HIRSH-PASEK e MICHNICK GOLINKOFF, 2006, p. 4).

As mesmas autoras salientam que a vida familiar passou por mudanças desde as gerações passadas, houve um aumento expressivo de lares em que ambos os pais possuem uma carreira. A exigência do mercado hoje, não é apenas que os pais trabalhem, mas sim, que trabalhem mais horas.

Ainda, seguindo a ideia das autoras acima referidas, somos informados de que quanto mais rápido melhor e que devemos fazer valer cada minuto de nossas vidas, infelizmente, esse tipo de agenda corrida parece ser a norma, e não a exceção. O adulto de certa forma já está imbuído a este mundo competitivo e assim como eles, as crianças estão cada vez mais imersas a estes costumes também.

Os adultos transferem para os filhos suas expectativas e sonhos, assim como suas frustrações. Hoje em dia, tudo vira uma corrida, corrida para desenvolver as habilidades dos filhos para que se destaquem dos demais, corrida para acelerar a aprendizagem, enfim, uma corrida para o sucesso. “As famílias parecem estar tão ocupadas estimulando o desenvolvimento de seus filhos, que, cada vez mais, tem pouco tempo para simplesmente aproveitar a companhia um do outro” (EYER, HIRSH-PASEK e MICHNICK GOLINKOFF, 2006, p. 6).

A atual sociedade, que se apresenta demasiada competitiva, impõe aos adultos uma pressão intensa, e conseqüentemente, essa pressão é passada para as crianças. Queremos que nossos filhos sejam intelectualmente fantásticos, essa questão tornou-se um fator de pressão e exigências, juntamente ao desejo de possuir os melhores bens materiais, na competição com os outros.

Os pais temem que seus filhos possam ficar em desvantagem aos demais se não aproveitarem toda e qualquer oportunidade que se apresente a eles. A educação torna-se cada vez mais competitiva, e o enfoque em planejar o desenvolvimento intelectual das crianças ficou fora de controle.

Os pais queriam ter certeza de que estavam usando todos os momentos com os filhos de maneira mais produtiva possível. Confrontados com a sensação de que o tempo que desfrutamos em família tornava-se cada vez menor, os pais se voltaram para os especialistas em desenvolvimento infantil para aprender a melhor forma de preparar os filhos para a vida, (EYER, HIRSH-PASEK e MICHNICK GOLINKOFF, 2006, p. 7).

Somando-se aos especialistas, um turbilhão de suposições sobre como criar e educar as crianças se faz presente. Nas mãos dos adultos a criança se transforma e assume a identidade de cômodos vazios a serem mobiliados de acordo com o que o adulto acredita ser o certo.

Os pais podem justificar suas ações recaindo na metáfora da criança “infinitamente maleável”. Aprisionados na nossa própria luta para enfrentar ávida, engolfados pelas múltiplas exigências da vida, preferimos pensar em nossas crianças como materiais infinitamente flexível e resilientes. Assim sendo, podemos esperar que elas se adaptem facilmente as nossas necessidades, nossos horários, nossos interesses e nossas perspectivas (de adultos). Esperamos que elas se adaptem mais aos programas de vida do adulto do que aos seus programas de vida de criança. (ELKIND, 2004, p. 54)

Honoré (2009) e Elkind (2004) afirmam que a grande e atual preocupação dos pais modernos é a ascensão dos filhos o mais cedo possível. Crianças são alvo de mais ansiedade e intervenção dos adultos do que em qualquer outra época da história, hoje em dia, há uma grande pressão para se extrair o máximo de nossas crianças, e a coerção para obter vantagens desde muito cedo é mais forte do que nunca. Queremos que tenham o melhor de tudo e que sejam os melhores em tudo, dessa forma, os adultos mapeiam o rumo certo na expectativa de impulsionar e guiar o filho ao topo, (HONORÉ, 2009).

A questão que norteia os tempos dos adultos modernos é encontrar a todo o custo, possibilidades de desenvolvimento pessoal e profissional que alavancarão o ego, assim como o status, e não é diferente com seus filhos. Este fato é confirmado por Honoré (2009, p. 29) que salienta que “os pais estão atacando violentamente qualquer um que se meta no caminho dos filhos” .

Elkind (2004) nos apresenta a pseudo ideia que permeia pelas cabeças dos adultos, de que quanto mais cedo começar os estímulos, mais chance terá de sucesso. Complementando a afirmativa, Honoré (2009) também faz referência à pressão imposta às crianças para que obtenham desde muito cedo vantagens sobre os demais.

Ideias equivocadas têm hábito desagradável de captar mais adeptos do que ideias corretas. A crença do quanto mais cedo melhor em relação as crianças pequenas é uma dessas ideias erradas que parecem ter conquistado multidões de adeptos, tornando-se difícil combatê-la, (EYER, HIRSH-PASEK e MICHNICK GOLINKOFF, 2006, p. 58). Frente as transformações culturais e sociais ocorridas, claramente podemos notar que o exposto até esse momento se confirma mediante ao fato do gerenciamento do tempo de ser criança estar mais forte do que nunca.

“Nossa cultura nos torna ansiosos por popularidade, fortuna e beleza física. No entanto, a carga cai mais pesadamente sobre as crianças que estão no alto da escala social, onde a pressão por competir é mais intensa” (HONORE, 2009, p. 23). O sentimento moderno

à infância traz consigo uma preocupação exacerbada, embora as intenções sejam as melhores, visando um futuro de sucesso para a criança, o adulto as expõe às situações, tratamentos e realidades que não deveriam fazer, até então, parte do mundo da criança.

O impulso de alavancar nossas crianças assumiu um aspecto de Frankenstein. Inspirados por uma pesquisa que mostrava que as pessoas altas tendem a ser mais bem-sucedidas, alguns pais estão pagando para injetar hormônios de crescimento em seus filhos normais e saudáveis. Outros preferem a cirurgias plásticas para criar a imagem perfeita (HONORÉ, 2009, p. 25).

Adeptos fiéis da cultura acelerada, competitiva e produtiva, os adultos modernos estão dispostos a fazer qualquer coisa para se autopromover ou promover seu filho, tentativas são efetuadas a todo custo, frustradas ou não, a saga pelo sucesso permanece. “Injeções” de ânimo são proferidas em nossas crianças, com conteúdo de sonhos e desejos do adulto, na expectativa de que a criança consiga alcançar e realizar as frustrações que eles (os adultos) deixaram para trás.

Devido a esta ideia entranhada, a criança sofre constantemente a pressão de estar sempre aprendendo algo. As agendas das crianças estão cada vez mais superlotadas com atividades extraclases, estão demasiadamente ocupadas, correndo de uma aula para outra, o que conota que todos os seus minutos do dia estão programados produtivamente, quando não a infância toda, assim, pouco tempo sobra para viver o tempo de criança como criança, (STAVISKI, 2010).

O mesmo autor salienta que nesta corrida de estimulação, a grande maioria não se questiona se a criança deseja esta vida que o adulto lhe prepara, negando o que de fato gostariam de viver e expressar. Complementando esta ideia, Honoré (2009, p. 29) afirma que:

A infância moderna parece estranhamente agradável, cheia de ação, realização e consumo, mas de alguma forma vazia e falsa. Falta a liberdade das crianças serem elas mesmas – e elas sabem disso. “Eu me sinto um projeto, no qual meus pais sempre estão trabalhando” .

Como bonecos de manipulação, a criança é incansavelmente submetida a viver um tempo de criança que não condiz com suas necessidades. O adulto sabe da relevância da brincadeira na vida da criança, entretanto a noção de que não se aprende brincando permanece constantemente “martelando” nas suas consciências, sendo assim, o brincar livre e

descomprometido perde espaço diante das exigências do competitivo mundo moderno, Staviski (2010).

O tempo de ser criança está, imerso constantemente em um turbilhão de informações, onde a criança “deve” agarrar o infinito em suas mãos para se destacar dos demais e assim ir construindo caminhos para chegar ao “sucesso” o mais cedo possível.

A compreensão predominante é a de que as crianças cresçam depressa, que utilizem o seu tempo com atividades que poderão trazer ou desenvolver algum resultado. Dessa forma, o brincar espontâneo já não é visto mais como uma fase que precisa ser vivenciada. O seu real sentido está sendo “atropelado” pelo fazer compulsivo de tarefas com sentido estritamente utilitarista.

Esse modo de vida, instrumentalizado, priorizando os resultados de nossas ações, só faz sentido para o mundo adulto, desviando a atenção para longe do presente. As crianças não brincam pensando em alcançar algum objetivo, elas apenas brincam, “porque esta é sua maneira espontânea e natural de existir”, (STAVISKI, SURDI e KUNZ, 2013, p. 121).

No modelo de vida assumido atualmente, somando-se com a visão de educação para a produção, o ato de brincar não é reconhecido como produtivo, e tampouco como caminho para aprendizagem, o que resulta no “roubo da coisa mais valiosa que a criança nessa idade pode ter, sua liberdade de descobrir o mundo, os outros e a si próprio por seus próprios recursos e condições” (KUNZ, 2002, p. 26).

Na mesma direção, Romera (2007, p.14) afirma que “a criança está sendo preparada para competir e atuar no mercado de trabalho, está subentendido que o brincar não é importante, tampouco necessário, pois não está vinculado à seriedade e à produtividade que marcam os tempos atuais”. Staviski, Surdi e Kunz (2013), acreditam que, o adulto negligencia o tempo de ser criança, esquecendo-se do presente e não aceitando a criança como ela se encontra no agora, na expectativa do que ela poderá vir a ser.

Verden-Zoller (2004), afirma que nessa cultura centrada na produção, aprendemos a nos orientar para o resultado em tudo o que fazemos, como se isso fosse algo natural.

Nessa cultura, não fazemos apenas o que fazemos. Trabalhamos para alcançar um fim. Não descansamos simplesmente; nós o fazemos com o propósito de recuperar energias; não comemos simplesmente, ingerimos alimentos nutritivos; não brincamos simplesmente com nossas crianças, nós as preparamos para o futuro, (VERDEN-ZOLLER, 2004, p.143).

Introduzimos propósitos e intencionalidades em nossas ações, dirigindo nossa atenção para além do presente de nosso fazer, a desviamos para o que esperamos como resultado. Desse modo, afastamos continuamente nossa atenção daquilo que fazemos no momento em que o fazemos, e a dirigimos para suas supostas consequências. “A propositividade e a intencionalidade são formas humanas de viver, nas quais se justifica o que é feito mencionando os resultados esperados”, (VERDEN-ZOLLER, 2004, p. 144).

Na mesma direção, Staviski, Surdi e Kunz, (2013, p. 121):

Um sentimento de produtividade nos pressiona e nos faz acreditar que tudo o que fazemos deve ser útil e gerador de resultados imediatos. Somos pressionados a acreditar que em todos os momentos as nossas ações devem ser produtivas e que constantemente devemos estar aprendendo e de maneira consciente. Os nossos desejos estão orientados de tal forma para as consequências das nossas ações, que grande parte do que fazemos não mais vale por si só, mas como meio dirigido a conseguir algo.

Verden-Zoler (2004) salienta que, em geral, não vivemos a vida no presente, vivemos sim no futuro, com desejos e expectativas insatisfeitas, apontando nossa atenção intencionalmente em relação ao que queremos, ou no passado, em relação ao que perdemos, com queixas e frustrações. Talvez o refúgio destas frustrações e desejos seja essa intensificação no modo como os adultos procuram gerenciar o tempo da criança, projetando uma imagem pronta de como esperam que elas se tornem, já num futuro próximo, ou seja, a criança de hoje se tornou um ser manipulável de acordo com as vontades dos adultos, consequentemente, mais do que nunca está sendo introduzida nessa perspectiva de vida instrumentalizada voltada a produtividade.

Nos moldes da percepção do tempo acelerado, no qual devemos sempre produzir algo e incansavelmente na busca por resultados imediatos, fazemos parte de um modo de vida imposto pela sociedade moderna onde seus segmentos estão cada vez mais orientados para o produto, alguns tentam manter-se sobre seus próprios pés, outros, na sua maioria “dança” conforme a música que está tocando.

Entretanto sejamos claros sobre a questão de quem “dança” de acordo com a música, a maioria destes provêm da classe média, Honoré (2009) ressalta que nem todas as crianças são criadas iguais. Não encontramos muitas crianças submetidas a gerenciamento nos campos de refugiados do Sudão, nas favelas, ou ate mesmo nas cidades de pequeno porte, isso é mais

difícil de encontrar. Milhões de jovens, especialmente nas famílias mais pobres, têm mais probabilidades de padecer da falta do que do excesso de cuidados dos pais.

Ainda o mesmo autor ressalta que, essa sensação de que só uma criança alfa tem chance, pode ter um efeito bem ruim em níveis mais baixos da escala social. Pais das classes menos favorecidas começam a perguntar-se se não deveriam vender o carro ou diminuir as compras de supermercado para proporcionar ao filho pelo menos um pouco do que as crianças de classes de maior poder aquisitivo possuem.

Quando se trata de mudança social, a classe media frequentemente dá o tom, e, com o passar do tempo, suas falhas e fraquezas sobem e descem a escada social, ou, pelo menos, fazem com que todos os outros se sintam culpados por não conseguirem acompanhar a marcha (HONORÉ, 2009, p. 17).

Tão poderosa é a pressão da sociedade como um todo, que quando todos os outros pais estão comprando tênis da marca “Nike”, ou o último brinquedo da moda para seus filhos, achamos difícil dizer não ao nosso próprio filho, a final, não queremos que se sintam diferente das outras crianças, (ELKIND, 2004).

O desejo dos adultos, independente de classe social, é de possibilitar que as crianças consigam se desenvolver da melhor forma possível, que tenham iguais oportunidades que as demais. Todavia, guiados por esse sentimento, os pais das classes mais altas, por vezes acabam “sufocando” suas crianças com as inúmeras atividades extracurriculares na expectativa do que ela poderá vir a ser.

O sentimento moderno que se desenvolveu em relação à criança traz consigo uma recorrente intromissão do adulto no tempo de ser criança. Honoré (2009, p.26) nos alerta que “crianças microgerenciadas podem acabar tendo que lutar para manter-se sobre seus próprios pés” . Nesse cenário a criança está alheia à sua própria vontade, por conta da constante interferência que sofre dos adultos, justificada pela tentativa de concretização de uma visão voltada para resultados futuros que acontece por meio do gerenciamento da infância.

A criança não percebe o mundo como o adulto, o tempo de ser criança é regado de peculiaridades próprias, como o brincar e o se-movimentar livre, na qual a imaginação se faz presente e a criança constrói o seu mundo sem a constante interferência do adulto.

4 UMA POSSIBILIDADE DE VIVÊNCIA DO TEMPO PRESENTE

4.1 A CRIANÇA NO SEU DEVIDO LUGAR: BRINCAR E SE-MOVIMENTAR

Parte-se do pressuposto que o brincar é uma ação natural do ser humano e configura-se como principal forma de linguagem pelo qual a criança se comunica com o mundo, inicialmente com sinais e gestos, brincando sozinha e com brinquedos, e na medida em que vai crescendo, incorpora elementos e valores que adquiriu nos seus primeiros anos de vida. Surge a socialização do brincar com o outro e a capacidade de imitar os papéis sociais que os rodeiam, expressando seus sentimentos e anseios através do “mundo da imaginação”.

O brincar apresenta inúmeras definições, dentre as quais: divertir-se infantilmente; entreter-se; folgar e foliar, considerada livre, espontânea, lúdica e prazerosa. Kunz e Costa (2015, p. 15) dizem também que “o brincar é individual, cultural, universal, social, natural, corporal, emocional, enfim, total”. Acreditamos que a ação do brincar seja fundamental à criança pela sua gratuidade, esta que só a criança ainda é capaz de reconhecer.

Verden-zoller (2004) apresenta que o brincar é qualquer atividade praticada em inocência, isto é, qualquer atividade realizada no presente e com atenção voltada para ela própria e não para seus resultados. Ainda a autora salienta que o brincar não tem nenhuma relação com o futuro. Brincar não é uma preparação para nada, é fazer o que se faz em total aceitação.

A criança não brinca pensando nos resultados daquela ação praticada, ou então, não brinca visando adquirir ou aperfeiçoar habilidades motoras e cognitivas. Ela apenas brinca, pois no brincar ela pode ser a protagonista da sua história, pode ser criativa, decidir, inventar, se expressar, enfim, a brincadeira faz parte do tempo de ser criança e a criança tem necessidade de brincar e se-movimentar sem interferências exteriores.

O brincar proporciona à criança a liberdade se expressar e “se-movimentar”², tornando-se um meio para que compreenda e se aproprie do ambiente no qual está inserida, construindo relações com o mesmo, na mesma direção Kunz (2002), ressalta que a linguagem

² A expressão “Se-movimentar” corresponde a ação que a criança se apropria e compreende seu contexto a partir do movimento, que na maioria das vezes acontece através do brincar. No âmbito da Educação Física brasileira a expressão foi introduzida por Elenor Kunz (1991) com base em Buytendjkik, Gordjin, Tamboer, Trebels.

e o se-movimentar são as poucas possibilidades que ainda nos restam de diálogo com o mundo, ocorrendo uma melhor compreensão e consciência de quem somos e do mundo em que vivemos.

Ainda segundo Kunz (2015), a criança expressa-se brincando, seja para o mundo, para os outros ou para si mesma, desta forma não é tão de maior relevância se a criança ao brincar imita, simboliza ou inventa coisas. O que importa é o que ela está dizendo, expressando com seu brincar. E ao expressar ela dá sentido ao que faz.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (BRASIL, 1998), o brincar se configura como fundamental atividade para o desenvolvimento da identidade e autonomia. Tal situação é reforçada por Verden-Zoller (2004), quando afirma a importância que o brincar tem para a criança em crescimento, tanto para o desenvolvimento de sua autoconsciência, consciência social e de mundo, quanto para o desenvolvimento de seu auto-respeito e auto-aceitação. A mesma autora expõe que o brincar é uma atividade plenamente válida em si mesma, ou seja, independente de propósito que lhe seja exterior.

Kunz e Costa (2015, p. 14) salientam que “o brincar pode ser o ato mais espontâneo, livre e criativo e por isso possibilita um momento privilegiado para o desenvolvimento integral de seu ser”, é próprio da criança e quando brinca de forma espontânea e livre ela faz da sua maneira, não há necessidade de ser ensinada. A criança cria inúmeras possibilidades para o seu brincar, sua imaginação é imensamente fértil permitindo dar sentido e significado as suas ações, elas só precisam que este tempo de brincar seja respeitado, permitido e encorajado pelos adultos.

O brincar aflora a criatividade da criança, permitindo-a viajar em um mundo imaginário, sendo ela própria a protagonista, onde cria suas regras tendo o controle da situação, atuando com convicção perante o desafio, levantam hipóteses, resolvem problemas, pensam e sentem o seu mundo através do brincar.

No brincar livre a imaginação é o principal eixo, determinante na hora das escolhas para a representação e criação. O objeto soma-se com a imaginação e juntos dão ainda mais sentido a brincadeira, a criança atribui novos significados a objetos, como por exemplo: a areia vira ingredientes para variadas comidas, o cabo de vassoura sem dúvidas é um cavalo, uma corda pode ser uma cobra, outros papéis comuns são de papai e mamãe; polícia e ladrão; e os super-heróis não poderiam faltar. Existem infinitas possibilidades de brincar livre onde a

fantasia impera, na qual a criança cria e recria seu mundo sem a influência do adulto, espaço único para o desenvolvimento da sua autonomia.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil têm como um dos seus princípios a serem seguidos o incentivo à autonomia da criança, possibilitando-lhes o desenvolvimento “da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão” (BRASIL, 2010, p. 16). O mesmo documento cita que as práticas pedagógicas seguem os eixos norteadores que atribuem como relevante, as interações e brincadeiras, garantindo assim “experiências que promovam o conhecimento de si e do mundo, por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança (BRASIL, 2010, p. 25).

Estas experiências vivenciadas estão implícitas no próprio ato do brincar livre e se-movimentar, pois é por meio deles que a criança constrói relações de auto-conhecimento, conhecimento do outro, assim como se insere e se comunica com o mundo. O brincar e se-movimentar é uma maneira profunda de engajar-se corporalmente com o mundo e de fundamental importância para o desenvolvimento da autonomia e emancipação da criança, (COSTA E KUNZ, 2013).

Os mesmos autores percebem o brincar como fundamental para o desenvolvimento sadio da criança, pois ela realiza tudo de forma brincante, sendo assim, o ato de brincar livremente se configura como o mais relevante para criança, embora sem propósitos explícitos, influencia de forma considerável na sua formação.

Entretanto, o ato de natural de brincar e se-movimentar está exposto às influências do meio, onde a criança acaba se apropriando de elementos da cultura que a cerca, ou sendo induzidas pelas artimanhas do adulto, sendo assim, logo se transforma em uma atividade social e cultural, na qual se destaca duas formas de brincar da criança de hoje. O brincar espontâneo e o brincar didático, (KUNZ E COSTA, 2015).

O brincar didático é abordado pela maioria dos autores que pesquisam sobre o ser criança ou infância, com uma literatura vasta fornecendo elementos para a aplicação prática “seduz” aos que também trabalham neste mundo infantil. Este brincar recebe classificações de modo a facilitar sua aplicação funcionalista à criança comandada. Com base em inúmeras publicações voltadas a um olhar didático do brincar, nitidamente nota-se que o adulto

envolvido na educação da criança possui grande interesse em precocemente prepará-la para o futuro.

Na nossa contemporaneidade a criança, pelo menos das classes sociais bem sucedidas, se tornou totalmente maleável se ajustando ao mundo organizado do adulto. Segundo Kunz e Costa (2015), o brincar livre se tornou atividade rara com hora marcada e com objetivos bem definidos e ainda cria-se a ideia de que a criança deve aceitar as imposições e referências externas, onde o brincar aparece em forma de mera repetição, memorização ou cópia, padronizados no plano social e cultural Kunz (2002).

A ênfase dada ao brincar da criança de hoje se limita a um processo produtivo e padronizado, na qual o adulto rege os objetivos de extração cognitivista, direcionando a brincadeira como meio para aprender algo e atingir algum fim preestabelecido, costumes estes já entranhados no mundo em que vivemos. “As comparações, o excesso de competição, os modelos e padrões nos fazem insensíveis diante do presente”(KUNZ E COSTA, 2015, p. 92). Corroborando com estes autores, Maturana e Verden-Zoller (2004) comentam que nossa insensibilidade está ligada a nossa orientação cultural para a produção. E esta orientação que domina o modo de vida dos adultos vem atingindo cada vez mais a criança e o seu brincar livre.

Costa e Kunz (2013, p. 64) afirmam que “as crianças de hoje são excessivamente influenciadas pelo mundo em seu entorno organizado pelo adulto”, dessa forma, em meio a um mundo pautado na padronização social, competição e produtividade, desde muito pequenas as crianças já estão imersas aos costumes da vida responsável adulta.

O brincar livre vem perdendo seu espaço no mundo da criança, pois nem sempre tem seu significado devidamente compreendido e valorizado pelo adulto, é considerado muitas vezes como algo improdutivo ou até mesmo como perda de tempo, sendo assim este na sua maioria, é substituído por atividades de cunho funcionalista e didático, podendo prejudicar ou ainda, furtar o tempo de ser criança em detrimento da preparação para o futuro.

Considerando a criança influenciável neste meio e de fácil manipulação, podemos dizer que o ato de brincar e se-movimentar sofre as consequências da forma pelo qual os adultos estão administrando seus tempos. A recorrente falta de tempo dos pais acaba acarretando um menor convívio com seus filhos, podendo comprometer o convívio e as vivências de lazer.

De modo similar ao que acontece em relação ao tempo acelerado, a falta de espaços e as novas tecnologias vêm causando profundas mudanças no mundo da vida dos adultos, refletindo diretamente na formação da criança.

Com o considerável crescimento dos meios urbanos os espaços para vivenciar o tempo de ser criança vêm desaparecendo a cada dia, com isso as possibilidades do se-movimentar ficam restritas às áreas pequenas. Sem espaço para ser criança, cada vez mais vem se utilizando meios eletrônicos dentro de casa, na tentativa de saciar a necessidade e os desejos da criança brincar e se-movimentar.

Notamos que os espaços livres de convivência e lazer estão desaparecendo, seja pelo crescimento dos meios urbanos e suas construções, seja pelo fato da preocupação constante com a violência ou ainda pela busca incansável de produzir sempre mais, acarretando a falta de tempo para atividades gratuitas que fogem do padrão rotineiro que estamos acostumados.

Com a falta de espaços e com estas condições de mundo tecnologizado a criança consegue se introduzir com grande facilidade no mundo eletrônico e há quem veja nesta apropriação infantil para o brincar, também uma enorme chance para a evolução da aprendizagem da criança para o mundo do adulto, (KUNZ E COSTA, 2015).

A tecnologia está muito difundida no meio adulto e não podemos negar que veio a somar e facilitar nossa vida, entretanto nem sempre é benéfica a quem utiliza. A criança de hoje nasce praticamente com ela em suas mãos, sendo muito comum a utilização destas de maneira a entretê-las.

A era tecnológica vem acentuando mudanças no modo de vida em geral, com atenção voltada para a criança, podemos dizer que uma boa parcela destas já estão conectadas a este novo mundo. Brincadeiras tradicionais conhecidas e brincadas há alguns anos por nós, como amarelinha, pega-pega, esconde-esconde, bola, bicicleta, enfim, entre tantas outras, estão perdendo espaço, desaparecendo, pois já não são mais as brincadeiras escolhidas pelas crianças de hoje. A diversão dos dias de hoje está mais ligada a aparelhagens eletrônicas, tablets, smartphones, TV e vídeo games, são as novas formas de brincar.

Uma pesquisa realizada em 2015 pela AVG Technologies com famílias de todo o mundo mostrou que 66% das crianças entre 3 e 5 anos de idade conseguia usar jogos de computador, 47% sabia como usar um smartphone, mas apenas 14% era capaz de amarrar os sapatos sozinha.

Desta forma, embora ainda não haja consenso entre os especialistas, muitos apontam consequências gritantes do contato excessivo das crianças com as novas tecnologias. A terapeuta canadense Cris Rowan, por exemplo, defende que o uso de tecnologia por menores de 12 anos é prejudicial ao desenvolvimento e aprendizado infantis.

Segundo ela, a superexposição da criança a todas estas tecnologias está relacionada ao déficit de atenção, atrasos cognitivos, dificuldades de aprendizagem, impulsividade e problemas em lidar com sentimentos como a raiva. Outros problemas comuns seriam a obesidade (porque a criança passa a fazer menos atividade física), privação de sono (quando as crianças usam as tecnologias dentro do quarto) e o risco de dependência por tecnologia. Ainda nota-se o estancamento do convívio e a falta de empatia com o outro.

O brincar se torna limitado ao uso de aparelhos eletrônicos, na maioria das vezes, devido ao pouco convívio com os pais que estão sempre correndo do trabalho para casa e de casa para o trabalho, estando sem tempo de brincar com os filhos ou levá-los em espaços para que o brincar livre possa acontecer.

O tempo do relógio dita todas as ações que realizamos, e cada vez mais possuímos a percepção de um tempo acelerado no qual parece-nos insuficiente para tantas tarefas que precisamos realizar no dia a dia. O adulto imerso em um mundo onde o ideal é otimizar cada segundo do seu tempo, vive envolto a um turbilhão de responsabilidades e frequentemente deixa de lado o lazer em detrimento de tarefas produtivas geradores de resultados imediatos.

Essa cultura adulta está em constante migração para o mundo da criança. Com uma visão de educação para a produção, o brincar livre e espontâneo, nato da criança, embora considerado por alguns pais, instituições e especialistas, não atrai o interesse destes, devido ao fato de já estar enraizado na sociedade padronizada o espírito de competição, na qual desde a mais tenra idade a criança precisa de um brincar direcionado, didático, com intencionalidades preestabelecidas que poderá destacá-las dos demais.

Honoré (2005) afirma que, a competição contribui para que muitos pais queiram apressar seus filhos, todos possuem a ambição de que estes deem certo na vida. Num mundo agitado como o nosso, isto significa botá-los na pista de alta velocidade em todas as frentes (escola, esporte, arte, música). Já não basta manter um ritmo igual ao dos filhos do vizinho; hoje, nossos queridinhos precisam superá-los em cada disciplina. “Em nosso mundo

implacável, a escola é um campo de batalha onde a única coisa que importa é ser o primeiro da turma” (HONORÉ, 2005, p. 284).

Assim, segundo Costa e Kunz (2013, p. 64), “o tempo da criança se aproxima do planejamento e organização temporal do adulto”, nos mesmos moldes do mundo sério dos adultos, na qual “pulam” de uma atividade para outra com o intuito de desenvolver habilidades cognitivas e motoras o quanto antes, para que assim possam ter um futuro promissor.

Na escola, aprendem a viver olhando para o relógio e a empregar o tempo da maneira mais eficiente possível. Os pais ainda reforçam a tendência, tratando de encher a agenda dos filhos com atividades extracurriculares. De todas as maneiras, as crianças estão sempre recebendo a mensagem de que menos não é mais e de que é sempre melhor fazer tudo mais depressa (HONORÉ, 2005, p. 282).

Com inúmeras atividades didáticas com fins funcionalistas já nas creches ou na educação infantil e como se não bastasse ainda, extracurriculares, chegando ao final do dia, a criança está cansada demais para chegar em casa e brincar, até porque algumas vezes precisa fazer as tarefas para o dia seguinte que foram passadas na escola. Deste modo pouco tempo lhe sobra para experienciar e viver o tempo de ser criança.

Colaborando com essas afirmações, Kunz (2002) apresenta uma preocupação atual, a da alienação da infância, afirmando que por conta da aceleração do mundo o sistema educacional está sendo afetado. Os adultos possuem a ideia de preparar para o futuro, formar para a inserção à sociedade, a infância não é pensada mais como um tempo a adquirir vivências e experiências através das quais estabelecem relações com o ambiente de convívio. “O adulto pode estar roubando o que é mais valioso para a criança, que é justamente o seu tempo de ser criança” (STAVISKI, SURDI e KUNZ, 2013, p. 114).

Desta forma, acreditamos que o tempo de ser criança com seus aspectos essenciais brincar e se-movimentar não pode ser negado, ficando vulnerável a desencadear futuras implicações, justamente pelo fato da criança não ter tido tempo de viver esta etapa primordial para sua formação integral, como afirma Staviski e Kunz (2013, p. 114):

Em um mundo no qual a pressa do tempo passa a influenciar diretamente o que pode e o que não pode ser feito, inclusive a maneira ou nível de qualidade de como devem ser conduzidas as atividades, a lógica de acelerar a infância pode fazer muito sentido e suas implicações passarem despercebidas, devido, sobretudo, à própria falta de tempo para refletir com atenção. Por trás deste movimento de tentar apressar os

processos relacionados ao desenvolvimento das crianças, escondem-se problemas que podem ser desencadeados na vida adulta, justamente, devido a uma infância fragilizada, na qual a criança não teve tempo de ser criança, brincar livre e espontaneamente, sem preocupar-se com os resultados do seu agir.

Elkind (2004) afirma que, Infelizmente, tanto o valor quanto o significado da brincadeira são pouco entendidos em nossa sociedade apressada. Na verdade, o que aconteceu com os adultos está acontecendo agora com as crianças, a brincadeira foi transformada em trabalho, o que anteriormente era recreação agora está profissionalizado e competitivo.

Segundo o mesmo autor, as crianças precisam ter a liberdade de brincar por brincar, além de trabalhar. Se os adultos entendem que cada interesse espontâneo de uma criança é uma oportunidade para uma lição, as oportunidades que a criança tem de simplesmente brincar ficam fechadas.

As práticas de vida assumidas precisam ser repensadas, a fim de que percebamos a vida no presente, sem voltarmos nossa atenção para resultados ou objetivos. O tempo de vida não pode ser negado, principalmente o da criança, onde é primordial ser vivenciado, constituído de experiências essenciais a uma formação plena. Para contribuir, Holt (2006, p. 123) afirma que “o brincar livre não pode mais ser visto como desperdício de tempo e tão pouco destituído de consequências na aprendizagem e no desenvolvimento, sobretudo quando se refere ao mundo das crianças”. Precisa ser considerado por todos e valorizado, pois quanto mais cedo a criança deixar de brincar de maneira espontânea e com prazer, mais cedo ela entrará no mundo do adulto e compartilhará as pressões e preocupações presentes nesse mundo (KUNZ, 2003).

4.2 MOVIMENTO DEVAGAR: O EMPREGO DO TEMPO SEM PRESSA (CARL HONORÉ)

Honoré (2005) expõe que:

Em nossa cultura superexcitada e obcecada com rapidez, levar uma vida completamente turbinada ainda é o troféu mais cobiçado. Quando as pessoas se queixam, “Puxa vida, estou tão ocupado, minhas pernas nem dão mais conta, minha vida é uma droga, não tenho tempo para nada”, muitas vezes o que estão querendo dizer na realidade é “ olhem só para mim: veja como sou incrivelmente importante, atraente e cheio de vida”. Embora os homens pareçam apreciar mais a velocidade que as mulheres, ambos os sexos se entregam à autovalorização competitiva baseada

na rapidez, (HONORÉ, 2005, p. 64).

O mesmo autor é enfático em seus argumentos afirmando que a cultura presente em nossa sociedade, é exatamente uma cultura dominada pelos ponteiros do relógio na qual os horários passam a tomar conta de todos os momentos da vida e de cada um deles. O vírus da pressa já se disseminou por todas as idades. Hoje em dia, crianças estão crescendo mais rápido, mais ocupados, mais programados e mais apressados do que nunca.

Devido ao fato de muitos estarem preocupados com o ritmo frenético imposto pelo mundo industrializado atual, surge um movimento principalmente na Europa para desacelerar, em prol do “devagar, na tentativa de amenizar os efeitos desumanizantes da velocidade. Membros deste movimento, os desaceleradores como são chamados, lutam contra o culto de estarmos fazendo tudo mais depressa, moderando o ritmo quando faz sentido.

Os desaceleradores usam uma palavra alemã (*eigenzeit*) para resumir suas convicções. *Eigen* quer dizer “próprio” e *Zeit*, “tempo”. Em outras palavras, estão querendo dizer que todo ser vivo, todo acontecimento, todo processo e todo objeto tem seu próprio ritmo e o seu próprio andamento, inerentes o seu próprio tempo, (HONORÉ, 2005).

Ainda, o autor em questão declara que inicialmente o movimento devagar era encarado como uma ideia para poucos adeptos que gostavam de comer e beber bem, mas hoje vem se tornando um debate cultural muito mais amplo sobre as vantagens de fazer as coisas de uma forma mais humana e menos frenética.

Na luta contra o culto da velocidade, a linha de frente está dentro de nossas cabeças, “talvez o maior desafio do movimento devagar seja resolver a questão do nosso relacionamento neurótico com o próprio tempo” (HONORÉ, 2005, p. 64). Assim, podemos dizer que o ritmo acelerado continuará sendo nosso comportamento automático até que mudanças em nossas atitudes aconteçam.

O cérebro humano já está naturalmente programado a pular de um pensamento para o seguinte, principalmente no ambiente de trabalho no qual as informações e os prazos estão sempre passando depressa, ficamos todos sob pressão para pensar com rapidez. É sabido que o ser humano é capaz de operar maravilhas sob intenso estímulo, “mas ainda é capaz de muito mais quando tem a oportunidade de desacelerar um pouco, reduzir a atividade mental pode melhorar a saúde e proporcionar tranquilidade interior, maior concentração e a capacidade de

pensar mais criativamente”, (HONORÉ. 2005, p. 142).

Essa cultura imposta pela sociedade faz parte do mundo adulto, porém seus costumes estão constantemente influenciando no modo com se vive o tempo de ser criança, e mais do que nunca seus costumes se tornam os costumes das crianças também. Frente a isto Honoré (2005) enfatiza que em matéria de aprendizado, a pista de alta velocidade traz mais prejuízos que vantagens para as crianças.

Para reforçar essa perspectiva de um aprendizado desacelerado, Honoré (2005) cita Hirsh-pasek ressaltando que “quando examinamos as constatações científicas, fica evidente que as crianças aprendem melhor e desenvolvem personalidades mais integradas quando podem aprender num ritmo mais tranquilo, menos marcial e apressado” (HONORÉ, 2005, p. 286).

Os adeptos ao movimento “devagar” estão aumentando consideravelmente, já tendo alguns representantes em salas de aulas lutando por uma abordagem de ensino mais devagar em matéria de aprendizado. A escola devagar abre caminhos para reagir a mudanças culturais estabelecidas e enraizadas, além de dar margem a criatividade autônoma da criança que pode acontecer pela flexibilidade de um tempo menos organizado e padronizado, possibilitando que a criança se expresse como criança através do seu livre brincar e se-movimentar.

Muitos estudos demonstram que a disponibilidade de tempo não organizado para brincar ajuda as crianças menores a desenvolver suas capacitações sociais e de linguagem, a criatividade e a capacidade de aprender. As brincadeiras improvisadas são o oposto do “tempo de qualidade”, que implica diligência, planejamento, horários e finalidades. Não estamos falando de aulas de balé nem de jogo de futebol. A brincadeira não organizada se expressa em atividades como cavar a terra, correr para baixo e para cima, construir castelos de lego ou simplesmente ficar olhando pela janela. É uma questão de explorar o mundo e a reação que se tem diante dele, no ritmo de cada um. Para um adulto acostumado ao aproveitamento neurótico de cada segundo, brincar improvisadamente parece uma perda de tempo. E nosso primeiro reflexo é encher os espaços “vazios” da agenda com atividades prazerosas e enriquecedoras, (HONORÉ, 2005, p. 300).

O modo de vida assumido nesta sociedade demasiadamente apressada se apresenta cada vez mais perturbador e permeia por todos os segmentos da nossa cultura e por todas as idades. A ideia de realizar tudo mais depressa permanece como regra, porém movimentos contra o culto a velocidade vem surgindo em todo o mundo como uma espécie de exceção, em forma de apelo, a começarmos a diminuir o ritmo, desacelerar, a aproveitarmos mais o tempo ócio, nos permitir momentos livres de lazer, assim como permitir isto a nossas crianças, brincar por

brincar, possibilitar tempo e apoio para que o brincar livre e o se-movimentar possa acontecer mais plenamente possível.

5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Esta pesquisa se propôs, como objetivo geral, investigar as novas configurações do tempo na era tecnocrática que se dissemina nos dias atuais, e suas implicações no mundo de vida do adulto e conseqüentemente suas interferências no desenvolvimento do ser criança. Neste espaço de reflexões finais não pretendemos tratar a pesquisa como conclusiva, pré estabelecendo conceitos ou “receitas” que devam ser seguidas, e sim, salientar que conseguimos estabelecer um diálogo teórico com os demais autores problematizando o tema em questão escolhido como objeto de estudo.

Destacamos as concepções assumidas pelas crianças no decorrer da história da humanidade, dos séculos passados até os dias atuais. Vimos que inicialmente esta recebia pouca atenção dos adultos pelo fato de ser considerado um ser frágil, com pequena perspectiva de vida, já na modernidade, surge o sentimento afetivo e protetor em relação a elas, dando início a uma era de pais superprotetores.

Como nos afirma Kunz e Costa (2015, p31), “estas crianças de hoje não sofrem de ameaças de morte ou doenças que as gerações antigas enfrentaram e tem muitas vantagens, mas também são mimadas, pressionadas e vítimas da superproteção ate o ponto de se sufocarem. Ficam sem nenhum sentido de liberdade”. Corroborando com esta afirmativa Kuhn (2016) confirma que a modernidade deu visibilidade à criança projetou proteger, cuidar, assistir e educar. No entanto, seu projeto educativo, exacerbadamente centrado na racionalidade dos adultos, legou uma espécie de sufocamento às crianças na medida em que os adultos deixaram de permitir que se auto gerenciem.

Vistas como incompletas, que precisam ser ensinadas, independente da época tratada, o adulto sempre esteve à frente de todas as ações realizadas pelas crianças, esta interposição dominante permeia o tempo de ser criança de forma controladora a fim de gerenciar cada passo, cada atividade realizada por ela.

A necessidade de preparar a criança para o futuro é usado como o principal argumento para justificar esta preocupação exacerbada. A realidade da criança se aproxima cada vez mais à realidade do adulto, compartilhando em igual proporção de seus costumes, responsabilidades e preocupações. Assim nos afirma Kuhn (2016), as crianças da atualidade são educadas para olhar o mundo pelas lentes dos adultos que afunilam cada vez mais seu

campo de visão para as coisas da racionalidade padronizada pela sociedade. Os adultos assumem, pretensamente, o controle dos sentimentos, das ações e do pensamento das crianças. Nesse sentido, as crianças acabam perdendo o senso e sua capacidade de olhar o mundo por elas mesmas.

Os adultos ignoram a criança como ser pensante, criativo e com poder de decisão, interferem demasiadamente nas reais necessidades do ser criança em detrimento de tarefas produtivas intuindo desenvolver habilidades funcionais e cognitivas na expectativa de sempre alcançar algum resultado alavancando-a para um futuro promissor.

A padronização que está em vigor é uma sociedade competitiva, onde busca-se aproveitar cada espaço de tempo com atividades produtivas, este padrão imposto pressiona constantemente os adultos que imersos neste meio possuem como lema “quanto mais e mais rápido melhor”.

Este domínio do relógio sobre nosso dia a dia teve início juntamente ao advento da Revolução Industrial, na qual a era da máquina prometia melhorar as condições precárias de trabalho, entretanto, com um notável aumento de produção, logo a ideia do homem trabalhar menos se tornou apenas promessa e ilusório aos trabalhadores.

A partir deste momento cada migalha de tempo deveria ser contado como produtivo, e assim foi se intensificando até os dias atuais, transformando os costumes e tornando todos cada vez mais escravos do próprio tempo. Segundo Kunz (2015, p. 10) “a pressão do tempo expressa pelas atitudes dos adultos acaba por acelerar a infância, tornando a vida das crianças uma constante projeção para o futuro”, na mesma direção Staviski (2010) nos apresenta que o tempo exerce uma pressão relativamente discreta, desprovida de violência, mas dificilmente consegue-se escapar dela.

A aceleração do tempo está diretamente ligada ao termo quantidade, acumulamos inúmeras atividades ao longo do nosso dia e a sensação é de que o tempo que temos se apresenta insuficiente, mesmo os segundos, minutos e horas não terem se alterado. Não podemos negar que a era da máquina tecnológica surgiu a facilitar muito nossa vida, o grande problema é que a sensação libertadora se tornou um vício, ou até mesmo, uma obsessão, na qual acaba extrapolando os limites de uma vida saudável.

Esses costumes, de certa forma, já enraizados na vida adulta estão em constante migração para o mundo da criança. Mais do que nunca a criança possui agendas lotadas que

se equipara a de um adulto, pulam de uma atividade para a outra a fim de saciar o desejo dos pais, os quais idealizam um desenvolvimento por etapas e sequencial com metas pré-estabelecidas com extração meramente funcionalista e cognitivista.

Staviski e Kunz (2015, p. 39) expõem que “em nossa atual sociedade, marcada pela competição e pelo desejo de progredir a qualquer custo” os adultos projetam na criança expectativas que muitas vezes correspondem a projetos pessoais frustrados, querem que sejam muito inteligentes, melhores atletas, que se destaquem dos demais colegas, enfim, melhores em tudo que fazem.

Encontramos hoje uma espécie de adultos doutrinadores do ser criança e a justificativa que geralmente se apresenta por aqueles que seguem esse padrão é de que fazem assim para o bem de suas crianças, mal sabem eles que estão imprimindo costumes que não satisfazem as reais necessidades do tempo de ser criança.

Os adultos frequentemente decidem tudo que venha acontecer na infância, ignoram a criança como ser autônomo, criativo, e anulam totalmente seu poder de decidir sobre algo. Segundo Kuhn (2016) o que importa na educação é um aprender sinônimo de trabalhar, não condizendo com a liberdade de brincar e se-movimentar, aspectos inerentes ao ser criança.

Em larga escala nota-se a incidência de um domínio relacionado aos padrões de comportamento, como citados no decorrer do texto, considerando que para ocorrer a aprendizagem é necessário uma postura mais séria, caminhando em direção a produção, onde geralmente a criança é compreendida como vir a ser, ocorrendo o destaque voltado a sua utilidade social.

Rubem Alves (1994) em seu livro “A alegria de ensinar” nos apresenta uma metáfora sobre vacas e moedores, fazendo uma analogia entre as vacas e as crianças, atribuindo a elas uma semelhança de significados de utilidade frente a sociedade. Alves atribui à vaca um significado além de um objeto com vantagens práticas e econômicas, a vê como um ser onírico, ou seja, que nos faz sonhar, acredita que seus olhos e mugidos mansos transmitem tranquilidade e paz para a alma, supondo que talvez seja por isso que os Hindus tenham a elegido com ser sagrado.

Entretanto, o homem não está interessado em suas inúteis funções oníricas, para serem úteis ao homem precisam morrer, serem destinadas ao corte e passarem pelas máquinas moedoras. Seu destino é o açougue, onde toda a mansidão bovina é transformada em utilidade

comercial.

Alves (1994, p 32) ironiza a situação, “tentei argumentar com os rolos de carne moída se não sentiam saudades dos pastos, riachos”, mas parece que a máquina de moer causa amnésia, haviam esquecido tudo, “então perguntei sobre seus sonhos” e elas responderam: hambúrgueres, MC Donalds, bob’s, churrasco, só sabiam falar sobre sua utilidade social. E até falavam inglês...”

Mediante a este fato, logo equiparou o moedor as instituições de ensino e também aos adultos apressados e produtivos, lançou a analogia entre vacas e crianças, pois as crianças também são seres oníricos, seus pensamentos têm asas, querem brincar, precisam brincar, como as vacas de olhos mansos, são belas, porém inúteis, e a sociedade não tolera a inutilidade. Todos devem passar pelas “máquinas” e serem transformados em uma pasta homogênea, para ai sim se tornarem socialmente úteis, (ALVES, 1994).

Alves foi enfático em salientar o quanto a sociedade busca impor padrões de comportamento a serem seguidos, assim como, que toda a atividade realizada deva ser útil e alcançar os objetivos pré-estabelecidos para dar como cumprida tal tarefa. Somos ensinados a tornar cada minuto de nosso tempo produtivo, não importando a idade, o importante é fazer mais em menos tempo.

Staviski e Kunz (2015) evidenciam que a cultura de otimizar o tempo é cruel com o período que a criança precisa para crescer e se desenvolver, negando o próprio tempo de ser criança. Assim, os desejos e necessidades que partem dela são ofuscados pelos interesses e desejos do adulto, que é constantemente pressionado a fazer valer cada segundo de sua vida. “A busca precoce pelo desenvolvimento do intelecto da criança insere-se neste contexto, é o produto de maior fetiche nos dias de hoje, fetiche do adulto para com a criança” (49).

Ainda de acordo com os mesmos autores, a intelectualização precoce pode ser uma forma de ameaça ao tempo de ser criança. O adulto não possui tempo disponível para refletir se esta lógica agrada a figura principal deste contexto, a própria criança, ou ainda, não analisa se realmente é necessário todo esse investimento técnico e científico para o desenvolvimento da criança, como se só assim fosse possível aprender. Devido a nossa percepção de um tempo acelerado intensamente competitivo, o cômodo ao adulto é inserir a criança nos mesmos moldes que vive sua rotina, anulando as necessidades da criança, projetando expectativas ao “vir a ser”.

O desenvolvimento da criança é pensado por etapas com um conjunto de demandas a serem cumpridas em sua maioria por meio de abordagens desenvolvimentistas e cognitivistas. A criança encerra um ciclo quando conclui com êxito as metas pré-estabelecidas e iniciam-se buscas a aquisições de novas habilidades, já a aquelas que não se ajustam às demandas impostas são consideradas problemáticas. Por essa perspectiva o adulto acaba por ignorar e desrespeitar os ritmos de desenvolvimento próprio de cada criança, assim como a singularidade corporal de cada um. Isso incorre numa aspiração adulta em que todas devam desabrochar ao mesmo tempo (KUHN, 2016).

Costa (2015) citada anteriormente enfatiza que estudos relacionados ao desenvolvimento da criança são realizados em cima de questões biologicistas dividindo-o em fases nas quais algumas áreas do conhecimento, como, por exemplo a pedagogia e a psicologia apoiam algumas fases mais do que as outras, sempre seguindo o princípio “criança mais inteligente e mais produtiva”.

O tempo de ser criança necessita de compreensão por parte dos pais e das instituições, e a ideia de fragmentar o desenvolvimento em fases é contestável, pois cada criança possui suas individualidades, seu ritmo próprio e Costa (2015) salienta que jamais uma habilidade amadurecerá isolada de outra.

A perspectiva dominante dos estudos sobre o desenvolvimento que permeia a cabeça dos adultos é aquela que nos apresenta manuais a serem seguidos com extração meramente utilitarista. Tanto os pais quanto as instituições, estão obcecados por estimular o quanto antes o intelecto da criança a fim de que desde a mais terna idade já ocorra o aperfeiçoamento de habilidades.

O bombardeio de informações se torna frequente por parte dos adultos, com a intenção de alavancar a criança a qualquer custo, manipulam o aprendizado e assim o desenvolvimento da criança tomba para um viés produtivista, instrumental e padronizado, com vivências fragmentadas e muitas vezes vagas.

Conforme Costa (2015) apresentou, com certeza o adulto é essencial no desenvolvimento da criança, o que se questiona, é a interferência exacerbada, especialmente para apressar a fase ou fragmentá-la, com a ideia de se tornarem adultos preparados para a sociedade competitiva e produtiva.

A preocupação do adulto em formar a criança visando o futuro se acentua cada vez mais.

A intenção é prepará-la para viver em um mundo competitivo ao extremo, assim, a criança é colocada sob pressão, na busca por rendimentos em um processo que podemos chamar de “adultização”, fazendo com que deixe de viver o presente (KUNZ, 2015).

A sociedade atual estabeleceu parâmetros a serem seguidos, o que pode ou não ser feito, o que deve ou não conhecer, enfim, para o adulto esta já é uma realidade totalmente conhecida, aceita e seguida fielmente. Entretanto, para a criança, estes padrões estipulados não fazem sentido, a criança não projeta resultados nas suas ações, ela apenas as realiza, assim estas cobranças do mundo adulto devem dar lugar à liberdade, à fantasia e à imaginação, a preocupação demasiada com o futuro precisa ser substituída por uma compreensão sensível do presente e o ser criança precisa ser respeitado.

Questionamentos acerca dos caminhos que estão sendo trilhados pela sociedade adulta contemporânea surgem durante o desenrolar deste estudo. Considerando a criança como ser onírico, podemos nos valer de posições que reprimem ou impossibilitam a vivência de suas expressividades por meio do brincar, a fim de que padrões socioculturais sejam seguidos voltados à produtividade, tornando-se a infância como um momento de preparar a criança para o futuro?

Concepções do senso comum geralmente não valorizam o brincar livre, acreditam que este é destituído de significados, nesse sentido perde seu espaço, na maioria das vezes sendo substituído por atividades supostamente mais produtivas, atribuindo a criança um conceito de aprendiz em prol do futuro.

O apoio positivo do adulto a fase do ser criança, da experiência do tempo ócio fortalece os laços afetivos. O desenvolvimento da criança precisa de tempo, tempo não programado, sem atividades estabelecidas, tempo para descobertas sobre si, os outros e o mundo, tempo para se expressar, se comunicar, brincar e se-movimentar.

Nesse sentido, destacamos a imprescindível necessidade de viver plenamente o presente, no seu brincar e se-movimentar, para seu mais pleno e integral desenvolvimento. Pretendemos mostrar com isso a possibilidade de as crianças realmente se desenvolverem para uma autonomia de ser sem a necessidade de uma educação que as coloca sob pressão do rendimento (KUNZ, 2015).

A criança possui a real necessidade de brincar e se-movimentar, segundo Maturana e Verden-Zoller (2004), é por meio do movimento que inicia sua consciência individual e

social. Podemos dizer que o brincar e se-movimentar é o mundo mais essencial da criança, é a principal maneira de engajar-se corporalmente com o mundo, com o outro e consigo mesma, (COSTA E KUNZ, 2013).

Perante alguns autores citados que abordam o tema que estamos discutindo, constatou-se claramente a relevância do brincar, considerando-o como parte fundamental e inerente da criança. As crianças necessitam experienciar esta fase, sendo o ato pelo qual constroem relações e interação com o outro e com o mundo, além de desenvolver sua imaginação, criatividade e autonomia.

O tempo de ser criança é único, rico de sentimentos, emoções, sensações que só a ingenuidade da criança é capaz de ver, sentir e viver intensamente. A criança ainda consegue enxergar o outro sem os olhos da competição ou da maldade, consegue realizar atividades por mero prazer que esta venha a lhe oferecer, sem em nenhum momento ter a intenção de tirar proveito de situações para lhe promover ou chegar a algum fim.

O brincar não é apenas um simples ato, configura-se como um meio de interação e descobertas, a criança tem o poder de imitar, imaginar e representar, criando um mundo da fantasia que é só seu, sem a imposição de regras pelos adultos, sem preocupações ou responsabilidades que seja exterior à brincadeira.

Esta é a maestria do ser criança, que através do seu livre e espontâneo brincar reformula situações, cria ocasiões e redefine tempos e espaços. Sua imaginação dá início a um brincar que pode transcender os limites físicos e palpáveis, possibilita que objetos ganhem novos significados e que a brincadeira aconteça por “horas a fio”.

A criança brinca por mero prazer e diversão, não brinca para produzir algo, ou para conseguir chegar a algum lugar, ou para competir com seus coleguinhas ou amigos, não brinca para desenvolver habilidades motoras ou cognitivas, ou para melhorar o equilíbrio, ela apenas brinca, porque brincar é natural da criança, faz parte da sua essência.

Consideramos que desde muito cedo os bebês já brincam, basta alcançar qualquer objeto em suas mãos e já estão manuseando de forma a se entreter. Brincar não tem idade, não se inicia em certo momento e se extingue em outro, vale para todos, desde que consigamos viver o momento, com a atenção total voltada para o presente da ação que estamos realizando.

Infelizmente brincar para o adulto é coisa rara, geralmente estamos ocupados demais pensando no futuro ou então produzindo algo e assim somos com nossas crianças também,

criamos um paradigma em que as crianças devem aceitar as imposições e referências externas, onde o brincar aparece em forma de mera repetição, memorização ou cópia, padronizados no plano social e cultural Kunz (2002). Em geral aos olhos dos adultos o brincar é destituído de sentido e significados, assim, muitas vezes negamos sua relevância a esfera infantil.

Para a criança, pelo menos das classes sociais de escalão mais alto, o brincar e o se-movimentar livre perdem espaço para um brincar didático, imposto pelo adulto com intenções de extração cognitivista direcionando a brincadeira como meio para aprender algo e atingir algum fim. A intenção do adulto responsável pela educação padronizada e produtiva da criança é comandar e reger cada ação realizada por ela atribuindo um viés com conotação totalmente funcionalista com preparação para o futuro.

Quando as crianças brincam livremente, experimentam e são capazes de assumir múltiplas formas de ser. Elas precisam ser aceitas onde estão e como são, ao exigirmos que façam exatamente aquilo a que são instruídas, acabamos por impedir seu crescimento, a sua criatividade, a expressão e a própria aprendizagem (Oaklander, 1980).

Já dissemos que a criança pequena sempre brinca, ou seja, tudo que faz envolve um certo brincar e se-movimentar. Embora os adultos e especialmente professores gostam de conceituar tudo e assim dizem que Brincar é....Jogar é.... mas estes conceitos muitas vezes não batem com o brincar da criança, ou seja, o que para ela é brincar. Foi por isso que Kunz (2010) denominou este brincar de “brincar e se-movimetar”. Assim é possível verificar que a criança se expressa de múltiplas formas pelo brincar e se-movimentar. Ela brinca e se-movimenta *com algo* quando encontra objetos concretos, *na intenção de algo*, quando não tem o objeto de desejo para brincar e a imaginação impera na brincadeira de faz de conta.

A criança que não tem possibilidades de imaginar e fantasiar perde sensibilidade, perde em emoções, perde vida. E ainda a criança brinca e se-movimenta *por algo*, ou seja, a criança com um pouco mais de idade se torna competitiva e quer sempre conquistar algo a mais e maior e que não é por instinto como alguns acham, mas porque nasce e se desenvolve em um meio sócio-cultural competitivo e é através desta finalidade que especialmente adultos e professores, conseguem influenciar esse brincar e se-movimentar da criança favoravelmente para uma compreensão maior dos impulsos competitivos do mundo do adulto.

O mundo da criança, atualmente cada vez mais limitado e restrito quanto ao seu tempo e espaço para brincar e se-movimentar, o adulto pode servir como um auxiliar ativo e presente

nas vivências e experiências significativas à criança. Um auxiliar não significa conduzir e impor como deve ser feito e sim desenvolver condições de aceitação do tempo de ser criança, na qual estas tenham mais liberdade e autonomia para compreender melhor sua identidade, o seu meio, bem como a sua própria vida, (KUNZ E COSTA, 2015).

Podemos dizer que a criança é o espelho do adulto, o modo como este vive sua vida, seus costumes, refletem diretamente nela e sua realidade passa a ser parecida com a dos adultos de seu convívio, sendo assim, devido a isto e os tantos outros argumentos sobre como os adultos vem tolhendo o tempo de ser criança, utilizados no decorrer deste estudo, acreditamos que esta está sendo introduzida em um processo de “adultização” precoce assumindo preocupações e responsabilidades que não fazem jus a sua idade.

Em razão disso, esperamos que esta dissertação venha a aguçar nossas reflexões acerca de como estamos vivendo na percepção de um tempo acelerado, que esta concepção levantada e defendida pelos teóricos citados de que a criança precisa de tempo não programado, de tempo ócio, de um brincar e se-movimentar livre para se desenvolver de forma integral transcenda os limites das linhas e páginas escritas e se aplique na prática, e que a possibilidade de desacelerar o ritmo seja uma opção imediata a ser considerada pelo adulto produtivo de hoje, a fim de criar condições mais saudáveis de viver e aproveitar o momento presente.

Por fim, mediante as inúmeras contribuições disponibilizadas pelos diversos autores que discutem o tema, esse estudo vem salientar a importância do brincar ser valorizado pelos adultos, frente a atual sociedade que se apresenta cada vez mais opressora da liberdade infantil, das brincadeiras e do lúdico. Constitui-se na forma mais prazerosa e divertida da criança conhecer a si e ao mundo, deste modo, quantos mais possibilidades forem oferecidas para que a criança experiencie e vivencie o tempo de ser criança e o brincar e se-movimentar livre e espontâneo, disponibilizando-lhes tempo, espaços e adultos conscientes dos benefícios que essas experiências possam agregar a criança, mais plenamente será sua formação.

6 REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **Infância e história: Destrução da experiência e origem da história**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

ALVES, R. **A alegria de ensinar**. 3 ed. São Paulo: Editora ARS Poética, 1994.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental**. - Brasília: MEC/SEF, 1998, volume: 2.

_____. Casa Civil. **Constituição da República Federativa do Brasil (1988)**. Congresso Nacional, Brasília. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em: 15 Jun 2015.

_____. Casa Civil. **Decreto n. 99.710, de 21 de novembro de 1990**. Promulga a Convenção sobre os Direitos da Criança. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/D99710.htm>. Acesso em 05 abril 2016.

_____. Casa Civil. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>. Acesso em: 15 Jun 2015.

_____. Ministério do Trabalho e Emprego. **Cartilha: Saiba Tudo sobre o Trabalho Infantil**. Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/trab_infantil/cartilha-saiba-tudo-sobre-o-trabalho-infantil.htm>. Acesso em: 18 Jun. 2015.

_____. Casa Civil. **Lei nº 6533, de 24 de maio de 1978**. Dispõe sobre a regulamentação das profissões de Artistas e de técnico em Espetáculos de Diversões, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6533.htm>. Acesso em: 17 Jun 2015.

_____. Senado Federal. **PLS - Projeto de Lei do Senado Nº 83, de 2006**. Fixa a idade mínima para o trabalho como ator, modelo e similares. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/atividade/materia/detalhes.asp?p_cod_mate=77337>. Acesso em: 17 Jun. 2015.

_____. Casa Civil. **Decreto-lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943**. Aprova a Consolidação das Leis do Trabalho. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm>. Acesso em: 19 jun 2015.

_____. MDS. **Plano Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil e Proteção ao Trabalhador Adolescente**. Brasília, Ministério do Trabalho e Emprego, Secretaria de Inspeção do Trabalho, 2004. 82 p. <http://www.mds.gov.br/aceso-a-informacao/orgaoscolegiados/arquivos/Plano%20Nacional%20Prevencao%20e%20Erradicacao%20do%20Trabalho%20Infantil.pdf/at_download/file>. Acesso em: 15 Jun. 2015.

CARNAL, L. [Entrevista disponibilizada em 15 de fevereiro de 2016, a internet]. 2016. Disponível em: <<http://www.revistapazes.com/criancamimada/>>. Acesso em: 25 fev 2016.

CARVALHO, L. [entrevista disponibilizada a internet]. 2016. Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiageral/fabricas-tempo-relogio.htm>>. Acesso em: 26 de ago 2016.

CAVALCANTE, S. R. **Trabalho infantil artístico: conveniência, legalidade e limites**. Rev. TST, Brasília, vol. 79, nº 1, jan/mar 2013.

CAVALCANTE, S. R. **Trabalho infantil artístico: do deslumbramento à ilegalidade**. São Paulo: LTR, 2011.

CORDEIRO, M. [Entrevista disponibilizada em 25 de janeiro de 2016, a internet]. 2016. Disponível em: <<http://activa.sapo.pt/criancas/2016-01-25-Entrevista-ao-pediatra-Mario-Cordeiro-Os-pais-tem-que-deixar-de-ter-tanto-medo-de-tudo>>. Acesso em: 20 fev 2016.

CORDEIRO, S. M. N. [Entrevista disponibilizada em 13 de outubro de 2013, a internet]. 2013. Disponível em: <<https://espacoacademico.wordpress.com/2013/10/13/pais-superprotetores-criam-filhos-inseguros/>>. Acesso em: 20 fev 2016.

COSTA, A. R. **Por mais respeito e reponsabilidade com crianças: possibilidades de se desenvolver e brincar e se-movimentar? pelo turnen**. Tese (doutorado)- Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Brasil, 2015.

COSTA, A. R.; KUNZ, E. O “Brincar e Se-movimentar” como base teórico-filosófica para a compreensão do ser criança, In: HERMIDA, J. F; BARRETO, S. **Educação Infantil: temas em debate**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2013.

DEMO, P. **Introdução à Metodologia da Ciência**. 1ª ed. São Paulo: Editora Atlas S. A., 1985. p. 23.

DEMO, P. **Pesquisa e construção de conhecimento: Metodologia científica no caminho de Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

DONATO, V. [Entrevista disponibilizada em 05 de dezembro de 2011]. 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2011/12/quase-metade-dos-brasileiros-trabalha-te-onze-horas-por-dia.html>>. Acesso em: 25 fev 2016.

ELKIND, D. **Sem tempo de ser criança: a infância estressada/ David Elkind; trad. Magda França Lopes**. 3. Ed. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2004.

EYER, D; HIRSH-PASEK, K. GOLINKOFF, R. M. **Einstein teve tempo para brincar.** Como nossos filhos realmente aprendem e por que eles precisam brincar. Rio de Janeiro: Editora Guarda-chuva, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GLEICK, J. **Acelerado:** a velocidade da vida moderna: o desafio de lidar com o tempo/ James Gleick: tradução Cristina de Assis Serra. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

HOLT, J. **Aprendendo o tempo todo:** como as crianças aprendem sem serem ensinadas. Campinas, São Paulo: Verus, 2006.

HONORÉ, C. **Sob pressão.** Rio de Janeiro: Record, 2009.

HONORÉ, C. **Devagar/** Carl Honoré; tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2005.

LACOMBE, R. B. **A infância dos bastidores e os bastidores da infância: Uma experiência com crianças que trabalham na televisão.** Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, Rio de Janeiro, 2004.

KUNZ, E. Práticas Didáticas para um conhecimento de Si de Crianças e Jovens na Educação Física. In: Kunz, E. **Didática da Educação Física.** 2. ed. Ijuí: Ed. da Unijuí, 2002. p. 15-52.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte.** 5. ed. Ijuí: Ed. da Unijuí, 2003.

KUNZ, E. **Brincar e Se-movimentar:** tempos e espaços de vida da criança. Ijuí. Ed. Unijuí, 2015.

KUNZ, E. COSTA, A. R. A imprescindível e vital necessidade da criança: “Brincar e Se-movimentar”, In: KUNZ, E. **Brincar e Se-movimentar:** tempos e espaços de vida da criança. Ijuí: Ed. Unijuí, 2015.

KUHN, R. **Da crisálida à borboleta:** a liberdade de brincar e se movimentar no mundo da vida da criança. Tese (doutorado)- Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2016.

MACEDO, D. SANDOVAL, G. [Entrevista disponibilizada em 08 de junho de 2010, a internet]. 2010. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/comportamento/excesso-protecao-faz-mal-ao-seu-filho-567564.shtml>>. Acesso em: 25 fev 2016.

MARQUES, M. **Escrever é preciso:** O princípio da Pesquisa. 5. Ed. Ver. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.

MARTINS FILHO, J. **A criança terceirizada:** Os descaminhos das relações familiares no mundo contemporâneo. 6. Ed.- Campinas, SP: Papyrus, 2012.

MERLEAU-PONTY, M. **As relações com o outro na criança**/ Trad. De José Carlos Lassi Caldeira e José Américo de Miranda- Belo Horizonte: SEGCP/ Imprensa Oficial, 1984.

MERLEAU-PONTY, M. **Psicologia e Pedagogia da Criança**. 1. Ed. São Paulo, Martins Fontes, 2006.

MATURANA, H. VERDEN ZOLLER, G. **Amar e Brincar**: Fundamentos esquecidos do humano. São Paulo, Editora Palas Athenas, 2004.

OAKLANDER, V. **Descobrimos crianças, a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes**. São Paulo: Summus editorial, 1980.

OIT – Organização Internacional do Trabalho. **Convenção nº 138** [lei na internet]. Genebra: ILO; 1973. Disponível em: <http://www.oitbrasil.org.br/info/download/conv_138.pdf>. Acesso em: 13 Jun 2015.

OKAZAKI, V. H., *et al.* Ciência e tecnologia aplicada à melhoria do desempenho esportivo. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte** – v. 11, n. 1, 2012, p. 143-157.

POSTMAN, N. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1999.

ROMERA, L., *et al.* O lúdico no processo pedagógico da educação infantil: importante, porém ausente. **Movimento**, Porto Alegre, v.13, n. 02, p.131-152, 2007.

SANTOS, J. [Entrevista disponibilizada em 20 de Abril de 2015, a internet]. 2015. Disponível em: < <http://www.semprefamilia.com.br/uso-de-tecnologia-por-criancas-beneficio-ou-perda-da-infancia/>>. Acesso em: 10 Ago 2016.

SENADO FEDERAL. **Senado Notícias**: Regulamentar trabalho de atores e modelos mirins exigiria modificar a Constituição, dizem especialistas. Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2008/10/08/regulamentar-trabalho-de-atores-e-modelos-mirins-exigiria-modificar-a-constituicao-dizem-especialistas/>>. Acesso em: 08 Jul 2015.

SANTIN, S. **Educação Física**: Da alegria do lúdico à opressão do rendimento. Porto Alegre: EST Edições, 2001.

STAVISKI, G. **Sem tempo de ser criança: reflexões sobre o tempo no brincar e se-movimentar de crianças**. Dissertação (mestrado)- Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, BRASIL, 2010.

STAVISKI, G; KUNZ, E. Sem tempo de ser criança: A pressa no contexto da educação de crianças e implicações nas aulas de educação física. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 35, n. 1, p. 113-128, jan./mar. 2013.

STAVISKI, G. KUNZ, E. Sem tempo de ser criança: o se-movimentar como possibilidade de

transgredir uma insensibilidade para o momento presente, In: KUNZ, E. **Brincar e Se-movimentar**: tempos e espaços de vida da criança. Ijuí: Ed. Unijuí, 2015.

VASCONCELOS, B. N. M. As construções da infância e suas raízes sócio- históricas: Da invisibilidade aos holofotes. In. **IX Seminário nacional de estudos e pesquisas história, sociedade e educação no Brasil**. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2012.

VERDEN-ZOLLER, G. O brincar na relação materno-infantil: fundamentos biológicos da consciência de si mesmo e da consciência social, In: MATURANA, H; VERDEN-ZOLLER, G. **Amar e brincar**: fundamentos esquecidos do humano. São Paulo: Palas Athena, 2004.

VERÍSSIMO, S. [entrevista disponibilizada em 31 de outubro de 2016 a internet]. 2016. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/historia/relogio-maquina-do-tempo/>>. Acesso em: 25 de Ago 2016.

WIKIPÉDIA. Desenvolvido pela Wikimedia Foundation. Apresenta conteúdo enciclopédico. Disponível em: < [https://pt.wikipedia.org/wiki/100 metros livre](https://pt.wikipedia.org/wiki/100_metros_livre)>. Acesso em: 30 de Jan 2017.

WIKIPÉDIA. Desenvolvido pela Wikimedia Foundation. Apresenta conteúdo enciclopédico. Disponível em: < [https://pt.wikipedia.org/wiki/100 metros rasos](https://pt.wikipedia.org/wiki/100_metros_rasos)>. Acesso em: 30 de Jan 2017.

WOODCOCK, G. [entrevista disponibilizada em 2 de maio de 2013 a internet]. 2013. Disponível em: <<http://www.laparola.com.br/a-ditadura-do-relogio>>. Acesso em: 25 de Ago 2016